



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

O culminar de uma etapa O início de uma Profissão

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientadora: Mestre Mariana Cunha

Márcio Daniel Monteiro Paiva

Porto, setembro de 2017

Ficha de catalogação

Paiva, M. (2017). O culminar de uma etapa, o início de uma Profissão. *Relatório de Estágio* Profissional. Porto: M. Paiva. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, MODALIDADES ALTERNATIVAS, RAPEL, DESEMPENHO ESCOLAR, SUPERAÇÃO.

Dedicatória

À minha irmã,

Pelo apoio incondicional que sempre me deu, pessoal, académico e profissional. Por fazer de mim aquilo que sou hoje.

Agradecimentos

Aos meus **Pais**, por serem o suporte da minha vida. Ao meu Pai por me transmitir os valores que hoje são basilares para mim. À minha mãe por me ensinar a nunca desistir e por me ter ajudado a construir a minha personalidade.

À Professora **Cristina Macedo**, pela paciência, compreensão e dedicação que sempre teve ao longo do ano de estágio.

À Professora **Mariana Cunha**, por me ter ajudado sempre que precisei, pelo carinho que demonstrou e principalmente por nunca desistir das minhas capacidades.

Aos meus colegas de estágio **André e Daniela**, por terem partilhado comigo o ano mais atarefado e inesquecível da minha vida. Por todas as brincadeiras, loucuras e companheirismo demonstrado. Por me terem aturado, mesmo sabendo que tenho um feitio complicado.

À minha **FADEUP/FCDEF**, por me ter dado as ferramentas essenciais para ser um profissional de excelência.

Aos **Flyers Desportus**, por me terem ajudado a crescer como pessoa, fomentarem o meu espírito de resiliência e disciplina essenciais no ano de estágio e no mundo de trabalho.

À **AEFADEUP**, por me ter mostrar outro lado da vida académica, por me ter tornado numa pessoa mais responsável, mas principalmente por me ter ensinado o “como fazer e como não fazer”.

À **Minha Turma**, por me terem estimulado a ser cada vez melhor e não me terem facilitado a vida, pois se assim fosse não teria o mesmo gosto.

À **Raquel**, por ter insistido na minha formação e não ter deixado que o sonho morresse. Por me ter apoiado em todos os momentos e pela compreensão demonstrada quando colocava o mestrado à frente dos nossos momentos.

Ao **Bacalhau** e à **Sofia**, por terem sido os meus “coorientadores” do relatório e por me terem apoiado na fase fulcral da sua realização. Obrigado, por me terem dado a mão na reta final desta maratona.

Aos meus “cães de caça”, **Pedro, Víctor e Tiago**, por terem sido os meus parceiros de aventuras, alegrias e tristezas ao longo dos anos de faculdade. Pois o que a FCDEF uniu, nada vai conseguir separar.

Obrigado, por fazerem parte da minha vida.

Índice Geral

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
Índice Geral	VII
Índice de Figuras	IX
Índice de Anexos	XIII
Índice de Gráficos	XIII
Abreviaturas	XVII
Resumo	XIX
Abstract	XXI
1. Introdução	1
2. Questões Existenciais	3
2.1. “Quem sou e o que penso de mim?”	3
2.2. “O que acho que me espera?”	7
2.2.1. Escola.....	7
2.2.2. Turma	8
2.2.3. Colegas de Estágio.....	9
2.2.4. Departamento de Educação Física.....	10
2.2.5. Professora Cooperante.....	10
2.2.6. Professora Orientadora	11
3. Mas afinal o que é o Estágio e qual o seu papel?	13
3.1. Estágio Profissional.....	13
3.2. Enquadramento Legal	14
3.3. Enquadramento Institucional	16
3.4. Enquadramento Funcional	19
3.4.1. Escola e o seu contexto na generalidade	19
3.4.2. A “minha” Escola e o seu contexto	20
3.4.2.1. Espaços inerentes à Educação Física	21
3.4.2.2. Grupo de Recrutamento.....	23
3.4.2.3. Desenvolvimento do Núcleo de Estágio.....	24
3.4.2.4. Turma Residente.....	25
3.4.2.4.1. Análise das Informações.....	26
4. Vivências das várias etapas	31
4.1. Conceção – Saber antes de Fazer	31

4.2. Planeamento – Fases do Fazer	34
4.2.1. Plano Anual	35
4.2.2. Planeamento da Unidade Didática.....	38
4.3.3. Plano de Aula.....	40
4.3. Realização	42
4.4. Avaliação.....	45
4.4.1. Avaliação Inicial	46
4.4.2. Avaliação Intermédia	47
4.4.3. Avaliação Final.....	48
5. Rapel – A “descida” para a excelência, quando a aventura é menos perigosa que a rotina	53
6. Ser Professor na sua plenitude.....	59
6.1. Desporto Escolar.....	60
6.2. Corta-Matos	61
6.2.1. Interno.....	61
6.2.2. Distrital.....	63
6.3. Meeting de Atletismo.....	64
6.4. Dia “D” – Prova de BTT e Habilidades	65
6.5. Suporte Básico de Vida.....	67
6.6. Dança no Secundário.....	68
6.7. Direção de Turma.....	69
6.8. Turma Partilhada do 5º ano.....	69
6.9. Turma partilhada do 10º ano	71
7. Desempenho escolar entre alunos praticantes e não praticantes de atividades extracurriculares expressivas	73
8. Maximização das potencialidades	89
8.1. Ferramentas transversais.....	89
8.2. Refletir para melhorar.....	90
9. O fim de um início	93
10. Bibliografia.....	95

Índice de Figuras

Figura 1 - Apresentação da UD Rapel.....	55
Figura 2 - Estação 1 - rapel na parede.....	56
Figura 3 - Frames de um vídeo de demonstração.....	57
Figura 4 - Compilação de dados	82

Índice de Quadros

Quadro 1 - Dados da turma residente	26
Quadro 2 - Modelo de Estrutura do Conhecimento (Vickers 1990), adaptado por Mesquita (2014)	34
Quadro 3 - Estatística descritiva de cada grupo	83
Quadro 4- Teste-t de médias independentes	83
Quadro 5 - Teste-t: praticantes de esporte/dança/música vs. não praticantes de AEE	84
Quadro 6 - Teste-t: praticantes de dança vs. não praticantes de AEE	84
Quadro 7 - Teste-t: praticantes de música vs. não praticantes de AEE	85

Índice de Anexos

Anexo 1- Questionário do estudo	88
Anexo 2 - Caracterização do Aluno	XV
Anexo 3 - Estrutura do plano de aula	XVI
Anexo 4 - Cartaz de Voleibol, Desporto Escolar	XVII
Anexo 5 - Cartaz “Dia D”	XVIII

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Dados sobre saúde.....	27
Gráfico 2 - Hábitos desportivos	28
Gráfico 3 - Prática extracurricular	28

Abreviaturas

AEE – Atividades Extracurriculares Expressivas

AEFADEUP – Associação de Estudantes da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

DE – Desporto Escolar

DT – Diretor de Turma

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FCDEF – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

IMC – Índice de Massa Corporal

MED – Modelo de Educação Desportiva

MEEFEBS – Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

MID – Modelo de Instrução Direta

PC – Professor Cooperante

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PO – Professor Orientador

SBV – Suporte Básico de Vida

UD – Unidade Didática

Resumo

O estágio profissional representa o culminar de um percurso académico no âmbito do Desporto e da Educação Física. O presente documento denominado “O culminar de uma etapa, o início de uma Profissão” relata as experiências vivenciadas por mim, estudante estagiário, ao longo do ano letivo 2015/2016 num Agrupamento de Escolas da periferia do concelho de Vila Nova de Gaia, referente ao distrito do Porto. Tendo sido a minha prática pedagógica inserida num núcleo de estágio constituído por três estudantes estagiários, uma professora cooperante e uma professora orientadora, estas últimas responsáveis por encaminhar todo o processo. No que concerne à docência arqueei com a responsabilidade de lecionar a disciplina de Educação Física a uma turma do 9º ano (turma residente), bem como lecionar duas unidades didáticas a duas turmas distintas (turmas partilhadas). Com o intuito de descrever todas as fases do processo de Estágio o documento encontra-se dividido em nove capítulos, estruturado segundo três grandes dimensões. Numa primeira fase, narro um pouco sobre mim apresentando as minhas motivações, dúvidas e receios intrínsecos ao estágio, enquadrando-o em todas as áreas. Posteriormente, discorro acerca das etapas sequenciais inerentes à prática pedagógica, dos temas mais abstratos aos mais concretos, prevalecendo em todas o carimbo pessoal. Por último, é relatada a experiência de uma unidade didática alternativa, assim como toda a relação estabelecida com a comunidade escolar ao longo do ano letivo. No presente documento é também apresentado um estudo de investigação relacionando com o tipo de influência que as atividades extracurriculares do campo das expressões possuem no desempenho escolar dos alunos do 3º ciclo do ensino básico. Em suma, este documento tenta expressar todos os sentimentos, evoluções, conquistas e experiências ao longo de um ano de estágio como Professor de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, MODALIDADES ALTERNATIVAS, RAPEL, DESEMPENHO ESCOLAR, SUPERAÇÃO.

Abstract

The professional internship represents the culmination of an academic course in the field of Sports and Physical Education. This document, called Internship Report, reports my experiences as a trainee student, during the academic year 2015/2016 in a grouping of schools in the outskirts of the municipality of Vila Nova de Gaia, Porto. Having been my pedagogical practice inserted in internship core consisting of three trainee students, a cooperating teacher and faculty supervisor, the latter responsible for directing the whole process. With regard to teaching, I took the responsibility of teaching Physical Education to a 9th grade class (resident class), as well as teaching two didactic units to two different classes (shared classes). In order to describe all stages of the Internship process, the document is divided into nine chapters, structured according to three major dimensions. In a first phase, I talk a little about myself, expose my motivations, doubts and fears intrinsic to the internship, enframing them in all areas. Later, I discuss the sequential stages inherent in pedagogical practice, from the most abstract to the most concrete, prevailing my personal stamp in all of them. Finally, it is reported the experience of an alternative didactic unit, as well as the whole relationship established with the school community throughout the school year. In the present document, there is also a research study related to the type of influence that the extracurricular activities of the expression field have on the performance of the 3rd cycle of education students. In short, this document attempts to express all feelings, evolutions, achievements and experiences throughout a year of internship as a Professor of Physical Education.

KEY WORDS: SCHOOL, PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL INTERNSHIP, ALTERNATIVE SPORTS, RAPEL, SCHOOL PERFORMANCE, OUTGROW.

1. Introdução

O relatório de estágio (RE) representa uma parte integrante da unidade curricular Estágio Profissional (EP), do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Tendo como objetivo primordial, relatar as vivências do estudante estagiário (EE) ao longo da sua intervenção na escola cooperante (EC).

Tratando-se de um documento académico tem, inevitavelmente, que padecer a um conjunto de diretrizes, objetivos e formatos previamente estabelecidos. Tais características são retratadas nas Normas Orientadoras do EP da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), englobando os seguintes temas: Enquadramento Pessoal, onde o estudante estagiário discorre sobre si, sobre as suas expetativas e objetivos para o ano letivo; Enquadramento Institucional, que define todas as áreas de intervenção e contexto em que se insere e, por último, o Enquadramento da Prática Profissional, subdividido em organização e gestão do ensino e da aprendizagem (área 1), participação na escola e relação com a comunidade (área 2) e desenvolvimento profissional (área 3).

Neste seguimento, o presente RE intitulado de “O culminar de uma etapa, o início de uma Profissão”, possui um caráter único da minha passagem pelo Estágio Profissional. Narrando desta forma e na primeira pessoa todas aprendizagens, sentimentos, dúvidas e pontos de vista nas áreas anteriormente referidas.

No que respeita à organização, o presente documento encontrasse catalogado em nove capítulos, estrategicamente numerados para facilitar a sua leitura: **(1) Introdução**; **(2) Questões existenciais**, onde reflito sobre aquilo que sou e penso, passando pelo caminho que percorri até ingressar no mestrado em ensino e onde também discorro sobre as minhas expetativas em relação às pessoas, instituições e projetos que me cruzei; **(3) Mas a final o que é o Estágio e qual o seu papel?**, neste capítulo é realizado um enquadramento factual, legal e pessoal sobre as instituições e grupos que tive contacto ao longo do ano letivo;

(4) Vivências das várias etapas, sendo este um dos capítulos fundamentais do RE, apresenta uma revisão da literatura sobre a Educação Física na escola, as várias fases de planeamento, as minhas experiências vividas e sobre as várias formas e tipos de avaliação realizadas. No capítulo **(5) Rapel - A “descida” para a excelência, quando a aventura é menos perigosa que a rotina**, caracterizo ao pormenor a unidade didática de Rapel, em todas das suas fases, começando pelo planeamento, pormenores da sua realização e consequente avaliação. Por considerar que foi uma unidade “especial” tanto para mim como para os alunos, reconheci que merecia um maior destaque na minha dissertação. No sexto capítulo **(6) Ser Professor na sua plenitude**, é retratada a minha experiência fora do contexto da turma residente, ou seja, todas as atividades, projetos e aulas (turmas partilhadas) que realizei durante o ano letivo na escola cooperante. O sétimo capítulo **(7) Desempenho escolar entre alunos praticantes e não praticantes de atividades extracurriculares expressivas**, apresenta o estudo de investigação que realizei com os alunos das turmas de 9ºano, tentando desta forma valorizar as atividades extracurriculares em prol de um melhor desempenho escolar. No oitavo capítulo **(8) Maximização das potencialidades**, reflito sobre a importância de uma formação transversal inserido na formação especializada, atendendo ao panorama da atualidade. Inserido neste ponto retrato também a importância da reflexão durante o EP. Em forma de conclusão surge o nono capítulo **(9) O fim do início**, onde exalto a importância do Estágio Profissional na minha formação como professor de EF e das minhas expectativas para o futuro. Por último, a **(10) Bibliografia**.

2. Questões Existenciais

2.1. “Quem sou e o que penso de mim?”

“Quis saber quem sou, O que faço aqui...”

(Paulo de Carvalho, “E Depois do Adeus”, 1974)

Quando comecei a escrever este relatório de estágio (RE) surgiram duas questões fundamentais que só por mim poderiam ser esclarecidas: Quem sou? e Porquê este rumo? É tão mais fácil falar dos outros, “opinar” sobre a previsão do tempo ou até mesmo do estado em que vai o país. Mas quando o tema se centra no “EU”, as palavras começam a faltar e nem tão pouco sei por onde começar. Os primeiros pensamentos que surgem refletem apenas dados factuais tais como: filho de..., cabelo de cor..., aluno da faculdade ... Sugiro que comecemos pelos dados factuais que poderão levar a sentimentos e perspetivas intrínsecas sobre o meu trajeto pessoal, formativo e profissional.

Início por falar dos meus pais e irmã, familiares que contribuíram para a minha existência e formação dos meus primeiros elementos identitários. Segundo filho de um casal jovem, bem-educado e de bons princípios e irmão de uma rapariga oito anos mais velha, devendo a minha vida a estas três pessoas. Se não fosse a minha irmã a pedir um irmão e a acompanhar-me durante toda a minha vida, não estaria aqui hoje. Aos meus pais devo tudo, apesar de ser uma expressão banal, utilizada pela maioria das pessoas, posso felicitar-me pelos valores que me transmitiram ao longo de toda a minha vida. Dos meus pais herdei principalmente a boa educação e a honestidade, os meus sentidos de justiça e igualdade. Se conseguisse fragmentar as características da minha personalidade e atribuir-lhes o principal responsável diria que, ao pai, puxei o lado de “boa pessoa” e o desgosto por confusões e conflitos; à mãe extraí a autoestima, pois para os outros gostarem de nós, temos que ser nós os primeiros a gostar; e, por último, da minha irmã herdei o espírito lutador e de resiliência.

O que faço aqui, porquê este rumo? Conseguir filtrar todas as experiências marcantes que tive durante a minha vida e interpreta-las de forma

a perceber os fatores que me levaram a querer ser professor de Educação Física torna-se ainda mais complexo. Existem muitas histórias de pessoas que escolheram esta profissão por reconhecerem o valor de um professor que tiveram quando eram mais novos, porém não é o meu caso. Julgo que houveram algumas pessoas e vivências que de uma forma ou de outra me influenciaram a seguir esta área. Dentro do espectro de pessoas que me influenciaram, consigo destacar algumas, contudo, sinto que não foi o fator que mais pesou na decisão de escolher o desporto como formação. Identifico um treinador de futebol no decurso da minha formação desportiva que também era professor de Educação Física. Marcou-me não pelos seus conhecimentos técnicos, mas sobretudo pela forma como lidava comigo. Falava comigo de uma forma que conseguia que eu fizesse o que ele queria (forma de jogar) pensando que era à minha maneira. Tinha uma capacidade de persuasão, pelo menos comigo, bastante grande que influenciou a minha forma de ser e estar. Consigo também destacar um professor do secundário, não posso dizer que me influenciou na escolha de querer ser professor de Educação Física porque quando o conheci já tinha esse objetivo determinado. Mas posso garantir que se tinha dúvidas elas foram dissipadas quando o conheci, foi o exemplo de professor para mim. O conhecimento geral e específico que demonstrava, a sua estratégia de controlo da turma, e facto de conhecer a personalidade de cada aluno de forma a moldar o seu discurso, fascinava-me, levando-me a pensar “um dia quero ser como ele”.

No que concerne ao conjunto das experiências, consigo destacar inúmeros fatores e ambientes que de uma forma bem notória contribuíram para as minhas escolhas. O futebol, que pratiquei desde os seis anos de idade até aos dezoito, passando por três clubes e representando a seleção do Município de minha residência, contribuiu para fomentar o espírito de equipa e de superação essenciais à vida em sociedade. Esta foi a modalidade onde tive o maior contato com o desporto, pelo menos na sua forma organizada, proporcionando momentos de alegria e tristeza, superação e frustração, companheirismo e rivalidade. Contudo, mesmo tendo em conta os aspetos menos positivos por que passei, sei que foram importantes no meu crescimento para saber lidar com todo o tipo de sentimentos e angústias desde muito jovem.

Quanto ao desporto na sua vertente lúdica ou esporádica, fiz de tudo um pouco, corta-matos escolares que sempre me deram bastante gozo em participar, andar de bicicleta e o fascínio pela adrenalina que era saciado quando trepava muros, descia escadas de bicicleta, saltava à vara com o pau de estender a roupa ou saltava para a lagoas de locais bastantes altos. Acredito que o facto de ter sido tão ativo durante a minha infância e por ter nascido num meio mais rural, onde a rua era o meu “complexo desportivo”, influenciaram intuitivamente a minha paixão pelo desporto.

Foi no terceiro ciclo que decidi que queria seguir a área do Desporto como formação e nada me fez mudar de opinião, designadamente alguns testes psicotécnicos que me inclinavam para outras áreas. No ensino secundário fui para um colégio da minha Freguesia onde contemplava o curso de desporto. Após esta escolha, fiz tudo para entrar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) e já tinha como objetivo realizar o 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, vulgarmente denominado de Mestrado em Ensino. Penso que este objetivo pré-concebido, isto é, mesmo antes de terminar a licenciatura deveu a inúmeros fatores. Primeiro, sempre vi o mestrado em ensino como a antiga licenciatura (Pré-Bolonha, licenciatura de cinco anos que atualmente confere as mesmas equivalências que o mestrado em ensino). Segundo, adoro ensinar! Adoro pessoas e a possibilidade de ter influência nas suas vidas é algo fascinante. Felizmente durante o curso no terceiro ciclo tive oportunidade de lecionar algumas aulas de “atividade física” a crianças, adolescentes e seniores. Foi nesse momento que percebi que era isto que eu queria para a minha vida. O facto de poder ajudar alguém através dos meus conhecimentos, influenciar para estilos de vida mais saudáveis ou até mesmo proporcionar momentos de alegria e/ou satisfação é algo que me deixa realizado. Penso que a minha forma de ver a EF insere-se um pouco na linha de pesquisa de Lawson (1984) , a qual refere que é comum alguns alunos ingressarem no curso de EF para ajudarem outras pessoas a encontrarem o valor do exercício físico.

Durante o Licenciatura em Desporto segui o ramo de Exercício e Saúde com especialização em Ar Livre, no estágio deste ramo tive novamente a

oportunidade de lecionar, desta vez, no contexto do Desporto Escolar. Neste estágio melhorei os meus conhecimentos em escalada e rapel. Poder transmitir os conhecimentos adquiridos às crianças e ver a sua evolução a cada aula/treino despoletava em mim um sentimento de felicidade.

Durante o meu percurso académico tive a oportunidade de estar envolvido em várias atividades e grupos, que não contribuíram diretamente para o meu rumo mas proporcionam-me um enriquecimento pessoal elevado. Na Associação de Estudantes (AE), onde pertenci durante quatro mandatos e desempenhei funções de Vogal, Presidente da Direção e Presidente da Assembleia Geral fiz-me desenvolver capacidades de liderança, trabalho de grupo, organização de eventos, falar em público e, principalmente, o sentimento de responsabilidade social. No grupo académico *Flyers Desportus*, que me candidatei no segundo ano da licenciatura, aprendi conceitos diferentes do que estava habituado, mas não menos importantes para a vida profissional. Valores como hierarquia, lealdade, confiança e respeito estão sempre presentes, contribuindo assim para um bom funcionamento do grupo e também para minha inserção e convivência na sociedade.

Apesar de pelo caminho me ter apaixonado pelo ramo da Gestão, muito graças à AE, não perdi o meu rumo e inscrevi-me no mestrado em ensino. Fiz uma boa escolha? Tenho a certeza que sim. Fiz uma escolha produtiva? Só no futuro saberei.

2.2. “O que acho que me espera?”

“amanhã, espero sempre um amanhã
e acredito que será mais um prazer”
(António Variações, “Quero é Viver”, 1983)

Segundo as Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP¹ “o EP visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão” (p.3).

Deste (EP), esperava encontrar não só novos conhecimentos, mas acima de tudo encontrar novas vivências. Partilhando da opinião Moran et al. (2007) que refere que aprendemos mais com as situações que vivenciamos e sentimos do que apenas com aquilo que lemos, vemos ou ouvimos. De forma a organizar as minhas expectativas em relação ao EP divido este tema em seis elementos que foram cruciais à minha experiência na escola: Escola, Turma, Colegas de Estágio, Departamento de Educação Física, Professora Cooperante e Professora Orientadora.

2.2.1. Escola

Em relação à Escola, visto tê-la frequentado como aluno durante o terceiro ciclo, já conhecia as instalações e a sua cultura, pelo menos do ponto de vista de aluno e esperava que fosse a mesma como professor, pois tinha boas recordações. A nível disciplinar e a nível educativo, a escola é caracterizada

¹ In Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

como sendo uma instituição sem graves problemas e encontra-se numa posição favorável no *ranking das escolas* ("Ranking das escolas 2015", 2015) . Esperava encontra-la acessível como professor estagiário, que não olhasse para mim como um estranho, mas sim como parte integrante e de promoção da mesma.

Em relação ao seu corpo docente e não docente esperava que me tratasse como um membro integrante da "equipa", pois tinha plena consciência que para algumas funcionárias fosse estranho chamar-me de professor, pois conheceram-me ainda criança e não foi assim há tanto tempo.

Nesta medida, as minhas expetativas em relação à escola coincidiram com o encontrado. Apesar de verificar uma pequena diferença na forma como alguns corpos não docentes tratavam os professores e os professores estagiários, isto é, a forma de falar, a prioridade em certos espaços ou não existir a mesma "delicadeza", contudo no cômputo geral fui muito bem acolhido.

2.2.2. Turma

A escolha da turma tratou-se de um processo aleatório, visto terem sido atribuídas à Professora Cooperante quatro turmas do 9º ano e ser Diretora de Turma de uma delas, restavam as outras opções para serem lecionadas pelos Professores Estagiários. Para se tratar de um processo justo, o núcleo de estágio preferiu que atribuição da turma fosse aleatória, opção à qual a Professora Cooperante não se opôs.

Da turma que me foi atribuída, esperava que fossem alunos com vontade de aprender, pois é o fator essencial que condiciona todos os restantes. Esperava também conseguir ter o controlo da turma, pois não lido bem com a indisciplina nem com a desorganização. Expectava, principalmente, que fosse uma turma que me desafiasse, que me fizesse testar limites e que me desse prazer em lecionar.

No final do ano tive a certeza que cumpriram esse desígnio, foi incrível perceber a diversidade de personalidades num micro ambiente, os objetivos e o sentimento de cada um pela disciplina de EF. Foram inúmeras sensações por

que passei, as quais irei descrever mais à frente num capítulo dedicado este tema.

2.2.3. Colegas de Estágio

Em relação aos colegas de estágio via-os como uma mais-valia há minha formação. Tenho a noção que seria extremamente desmotivador se não tivesse ninguém com quem partilhar, desabafar, questionar, opinar e vivenciar este processo na minha vida de igual para igual.

Em relação a um dos colegas, já o conhecia há pelo menos quinze anos. Posso garantir que já o conheço bem, quer como pessoa, quer como colega de trabalho, pois fomos do mesmo grupo em quase todos os trabalhos no 1º ano do mestrado. Tratando-se de uma pessoa trabalhadora, com um vasto conhecimento desportivo, na sua generalidade, capaz de ver uma perspetiva diferente em todos os obstáculos que se proporcionam, o seu espírito de facilitador e “desenrasque” era sem dúvida a sua maior qualidade.

Em relação à outra colega, não a conhecia muito bem, apesar de termos sido da mesma turma no 1º ano, não tive a oportunidade de trabalhar com ela em nenhum grupo de trabalho. Contudo, fui eu que sugeri que se candidatasse à mesma Escola Cooperante que eu, pois reparei que se tratava de uma pessoa trabalhadora, eficaz e persistente. Qualidades que me poderiam incentivar a ser ainda melhor, pois sou da opinião que só melhoramos se tivermos pares iguais ou melhores que nós.

Após um ano passado senti que funcionamos (Núcleo de Estágio) como uma alcateia, apesar de podermos “sobreviver” sozinhos tudo se tornou mais fácil em grupo. Cada um com a sua personalidade, uns mais “alfas” outros mais “frágeis” mas sabíamos sempre que podíamos contar uns com os outros e superar todos os obstáculos partilhando as nossas vivências.

2.2.4. Departamento de Educação Física

Relativamente ao Departamento de Educação Física, esperava aprender muito com os professores e que me ajudassem a ser um deles. Esperava que fossem as pessoas com quem teria mais contacto e me fizessem perceber melhor como funcionava a Escola, como é o relacionamento entre professores e no final do ano letivo conseguisse diferenciar bons profissionais de outros menos bons.

No contexto institucional foi com estes professores que tive mais contacto durante todo o ano letivo, com quem tive oportunidade de conversar de assuntos pessoais mas, principalmente, de didáticas de ensino das diferentes modalidades que foram lecionadas. Comparar a forma como concebiam a disciplina EF e a forma como lecionavam com a minha perspetiva foi algo que me fez refletir e verificar os aspetos que tínhamos em comum daqueles que nos diferenciavam. Aprendi bastantes com eles e a partilha de perspetivas era constante em todos os momentos. Com base na diversidade de professores de EF que coabitavam o mesmo espaço de aula foi interessante observar distintas formas de trabalhar, revendo-me em algumas.

2.2.5. Professora Cooperante

Em relação à Professora Cooperante (PC) esperava que vestisse uma heterogeneidade de personalidades, isto é, colega, avaliadora, amiga e “inimiga” (para me chamar atenção quando necessário), que juntasse todas estas personalidades para me ajudar no meu processo e na minha evolução como professor. Presumia que fosse a pessoa mais importante no meu percurso, pois seria ela que estaria sempre comigo e me faria percecionar o meu trajeto. Segundo Alarcão e Tavares (2013, p. 23), o Professor Cooperante exerce uma função de supervisão para com o Estudante Estagiário (EE): “a SUPERVISÃO de professores como processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor

no seu desenvolvimento humano e profissional”. Em conformidade, Vieira (1993, p. 43) refere que o “contexto da formação de professores, é uma atuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e experimentação”. Mostrando desta forma todos os processos que o Estudante Estagiário deve vivenciar ao longo do seu processo de formação.

Todas as características referidas pelos autores foram visíveis na minha Professora Cooperante, a sua experiência na “arte” de lecionar era notória, mas mesmo assim estava sempre disponível para aprender novos conhecimentos com os EE. Tal como refere Alarcão e Tavares (2013, p. 65) “o supervisor tem como primeira meta facilitar o desenvolvimento do professor mas ao fazê-lo (ao ajudar a ensinar), também o supervisor se desenvolve porque, tal como o professor, aprende ensinando”.

A Professora Cooperante foi a pessoa mais importante no meu estágio como professor. O seu profissionalismo com a Escola, docentes, funcionários, a lecionar e conosco (EE) era algo sempre presente e bem visível.

Durante o EP os momentos de reflexão e de partilha eram permanentes, e mesmo quando as opiniões divergiam a PC nunca tomou uma atitude antidemocrata, dando sempre espaço para argumentar e experimentar, fazendo com que algumas das vezes aprendesse com o próprio erro. O único aspeto no qual era perentória, relacionava-se com a segurança dos alunos, principalmente durante a Unidade Didática (UD) de Ginástica e Rapel. A situação referida anteriormente foi de todo compreensível, sendo a segurança um aspeto primordial aliado ao facto da PC ser a responsável legal pelas turmas.

2.2.6. Professora Orientadora

Em relação à Professora Orientadora (PO), via como uma pessoa que acompanharia o meu trabalho durante todo o ano, mas de uma forma distante. Alguém que me ajudaria, mas só se eu pedisse e que serviria como regulador do meu processo, pois ao não ter uma influência diária e direta, constataria

apenas factos esporádicos que levariam a um resultado final. Tal como a Professora Cooperante, a Professora Orientadora desempenha uma função de supervisão, porém com focos diferenciados. Como refere Rolim et al. (2014), o professor orientador da faculdade tem um papel muito virado para a transmissão dos conhecimentos académicos.

Relativamente à influência da PO no meu processo, penso que me ensinou a ser professor por inteiro, pois um “Bom Professor” na atualidade não é apenas aquele que leciona boas aulas, mas sim aquele que sabe qual a melhor estratégia de ensino, o porquê de a utilizar e principalmente saber justificar todas as suas decisões com base em factos e não apenas em intuições. Posso garantir que fui bem orientado durante ano de estágio, o que mais me fascinou na PO foi a forma como articulou o seu discurso com os EE, aliando os termos teóricos da literatura com os práticos utilizados no dia-a-dia na escola. Como pessoa consigo destacar o seu lado humano, pois tinha em atenção não apenas o estudante estagiário, mas também a pessoa e a vida por de trás do mesmo.

3. Mas afinal o que é o Estágio e qual o seu papel?

3.1. Estágio Profissional

Numa perspetiva geral, o Estágio Profissional ou Prática de Ensino Supervisionada (PES) representa o culminar de uma formação inicial de cinco anos (três de licenciatura mais dois de mestrado), sendo objeto de diálogo desde o primeiro dia de ingresso na faculdade. A começar pelas conversas de corredor com colegas que se reportavam ao estágio como um grau de superioridade académica - “ele já está em estágio!”; ou noutros momentos que o pintavam de uma forma deprimente e assustadora - “não faço outra coisa sem ser pensar no estágio”. Pelos relatos que fui ouvindo e registando, cheguei à conclusão de que o estágio é o sonho de muitos e o pesadelo de outros.

Retratando o Estágio Profissional, concretamente na FADEUP, Batista e Queirós (2013, p. 43) referem que neste decurso “o estudante estagiário assume a condução do processo de ensino/aprendizagem e tudo aquilo que o envolve, desde a conceção, planeamento, realização e avaliação, (...)” tratando-se de “(...) uma experiência real de ensino com todos os elementos presentes, na medida em que o estudante estagiário assume o papel de professor em quase toda a sua plenitude, faltando apenas o vínculo contratual.”

Na minha opinião o Estágio Profissional situa-se no momento certo da formação académica inicial, depois de uma formação base da licenciatura, em que são abordadas unidades curriculares que nos dão a conhecer três áreas fundamentais, o Homem, o Corpo e o Deporto; e depois do primeiro ano do mestrado em que as unidades curriculares têm como objetivo ensinar a ensinar. Não obstante, é só no contato com a prática que conseguimos perceber o “Eu Professor”. Um provérbio popular reflete na perfeição o meu entendimento sobre o objetivo do Estágio Profissional: “Diz-me e eu esquecerei, Ensina-me e eu lembrar-me-ei, Envolve-me e eu aprenderei “.

Neste quadro, Queirós (2014, pp. 69-70) refere que “a entrada no mundo do trabalho constitui uma etapa marcante na vida de qualquer pessoa, porquanto

encerra um conjunto diversificado de experiências e de aprendizagens”. Tratando-se, como refere a autora, da “entrada no mundo de trabalho” quanto mais suave for essa transição, mais fácil se torna para o futuro profissional. O facto das aulas do professor estagiário serem supervisionadas pelo professor cooperante e pelo professor orientador, torna o ensino-aprendizagem mais eficaz.

Simões (2008) refere este momento como o “*choque com a realidade*”. Para a autora por mais exímia que seja a formação do professor em termos científicos/pedagógicos ocorre sempre o “*choque com a realidade*”, resultante das diferenças entre a formação inicial e o que de facto ocorre na realidade.

Num juízo mais generalista considerado o Estágio Profissional como a junção de três mundos: **1.**“O Mundo das Experiências Vicariantes”, experiências essas que fui adquirindo ao longo de toda a minha vida, quer como aluno, atleta ou cidadão; **2.**“O Mundo do Conhecimento Científico/Pedagógico”, que fui desenvolvendo a partir do ensino secundário através do curso científico-tecnológico de desporto, aprofundei na licenciatura em Desporto e aprimorei no 1º ano do Mestrado em Ensino; **3.**“O Mundo da Docência”, no qual somos chamados a intervir e o nosso foco de atenção deixa de ser “Eu” e passa a ser “para Eles”, com isto quero dizer que deixamos de nos preocupar apenas com a nossa formação e começamos a preocupar-nos com a formação dos nossos alunos.

3.2. Enquadramento Legal

O Estágio Profissional, à semelhança das restantes unidades curriculares do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), encontra-se homologado pela legislação portuguesa nos Decretos-Lei nº 74/2006 de 24 de março (Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior, 2006) e nº 43/2007 de 22 de fevereiro (Ministério da Educação, 2007). Segundo a alínea 3, do artigo 18.º do primeiro Decreto-Lei, “(...) o ciclo de estudos conducente ao grau de mestre deve assegurar que o estudante adquira

uma especialização de natureza académica com recurso à atividade de investigação, de inovação ou de aprofundamento de competências profissionais.” Situando este enquadramento legal no Estágio Profissional em Educação Física, destaca-se o “aprofundamento de competências profissionais” e a “atividade de investigação”, salvaguardada na condução de um estudo durante o ano letivo que é incorporado no Relatório de Estágio Profissional. Ainda no mesmo decreto-lei, importa salientar a Estrutura do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre (artigo 20.º), citando que o curso deve integrar duas componentes, uma relativa as unidades curriculares, a que corresponde um mínimo de 50% do total dos créditos² do ciclo de estudos e outra ao estágio de natureza profissional objeto de relatório final, a que corresponde um mínimo de 35% do total dos créditos do ciclo de estudos, onde se enquadra o Estágio Profissional do Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

A nível institucional o enquadramento da lei no ciclo de estudo 2014-2016 foi elaborado de forma atribuir 72 créditos às unidades curriculares (60% do total de ECTS) e 48 crédito ao Estágio Profissional (40% do total de ECTS), sendo destes 48 créditos 50% correspondentes ao Estágio Profissional e os restantes 50% ao Relatório de Estágio.

Relativamente à Supervisão da Prática Pedagógica, o artigo 21.º do segundo decreto-lei supracitado, refere que “a elaboração da dissertação ou do trabalho de projeto e a realização do estágio são orientadas por doutor ou por especialista de mérito reconhecido como tal pelo órgão científico estatutariamente competente do estabelecimento de ensino superior, nacional ou estrangeiro.” No caso concreto do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básicos e Secundários, orientação central aplica-se ao Professor Orientador (Faculdade).

O mesmo decreto-lei (nº 43/2007 de 22 de fevereiro) circunscreve os requisitos para a prática profissional, escola cooperante e orientador cooperante, salientando as seguintes características: Somente as pessoas com especialidade em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e

² ECTS - *European Credit Transfer and Accumulation System*

Secundários, conferente ao grau de mestre, com 120 créditos em Educação Física e Desporto são consideradas “Professores de Educação Física e Desporto” (ANEXO, Ministério da Educação, 2007, p. 1327). As Escolas Cooperantes surgem no artigo 18.º, no qual especifica que “os estabelecimentos de ensino superior (...) devem celebrar protocolos de cooperação com estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário (...) com vista ao desenvolvimento de atividades de iniciação à prática profissional, incluindo a prática de ensino supervisionada, e de investigação e desenvolvimento no domínio da educação”. Ainda no mesmo decreto-lei é referido, no artigo 19.º, que Orientadores Cooperantes “são escolhidos pelo órgão legal e estatutariamente competente do estabelecimento de ensino superior, colhida a prévia anuência do próprio e a concordância da direção executiva da escola cooperante”, devendo possuir “competências adequadas às funções a desempenhar” e “prática docente nas respetivas áreas curriculares ou disciplinas, nunca inferior a cinco anos”.

3.3. Enquadramento Institucional

O Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP³ é o documento legal interno que regula a Unidade Curricular de Estágio Profissional. Este documento conjuga as orientações centrais dos decretos-lei atrás mencionados com as orientações e objetivos locais (Faculdade). No presente documento são retratados os pontos primordiais das Normas Orientadoras e as vertentes mais jurídicas do mesmo.

Segundo as Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos

³ In Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2015-2016. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP⁴, referentes ao enquadramento institucional, entende-se o Estágio Profissional “como um projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar. O projeto de formação tem como objetivo a formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação” (p.3).

A Prática de Ensino Supervisionada do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto é realizada no 2º ano do plano de estudos numa escola cooperante da rede de escolas por si protocoladas, tendo uma cotação de 48 créditos, acoplando nestes a componente do Relatório de Estágio.

Importa salientar que desde o ano letivo 2014/2015, em conformidade com todas as Escolas Cooperantes que a faculdade tem protocolo, passou a ser obrigatório o Estudante Estagiário lecionar dois ciclos de estudos distintos. Isto é, durante o ano letivo o Estudante Estagiário conduz o processo de organização e gestão do ensino e aprendizagem numa turma designada de Turma Residente e leciona uma ou mais Unidades Didáticas noutra turma de um ciclo de estudos diferente, designada de Turma Partilhada.

Ainda no documento das Normas Orientadoras são delineadas três grandes áreas de desempenho a que o Estudante Estagiário deve dar resposta, no decurso do estágio, sendo elas:

Área 1 – A Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Área 2 – A Participação na Escola e Relações com a Comunidade

Área 3 – O Desenvolvimento Profissional

⁴ In Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2015-2016. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

A Área 1 incorpora a Conceção, o Planeamento, a Realização e a Avaliação. Desta forma, a Conceção direciona-se para o estudo prévio que deve ser elaborado pelo Estudante Estagiário de forma a enquadrar-se com os objetivos propostos pelo Ministério da Educação e da Ciência, pela Escola Cooperante e pela instituição de ensino superior que representa. Em relação ao Planeamento, este deve ser realizado em três níveis, *Macro* através da elaboração do Planeamento Anual, *Meso* através do Planeamento das Unidades Didáticas a serem lecionadas e *Micro* correspondendo aos Planos de Aula (Bento, 2003). A área da Realização concerne à parte de intervenção do Estudante Estagiário, mais concretamente, à leção das aulas e toda a envolvência das mesmas. Por último, a Avaliação está relacionada com todos os mecanismos utilizados para a avaliação dos alunos, do professor e do processo de ensino-aprendizagem. No quadro das tarefas adstritas a esta área, para além da leção das aulas, o Estudante Estagiário tem a obrigatoriedade de observar no mínimo durante o ano letivo dez aulas dos colegas estagiários e seis aulas do professor cooperante. Elaborar os documentos referentes aos três níveis de planeamento e posteriormente as suas respetivas reflexões. Participar nos conselhos de turma e reuniões de departamento curricular referentes à Turma Residente.

No âmbito da Área 2 - Participação na Escola e relações com a comunidade, o Estudante Estagiário deve experienciar, vivenciar e/ou promover o Desporto Escolar, a Direção de Turma, a organização de eventos desportivos promovidos pela escola, estilos de vida ativos e saudáveis e a socialização entre os alunos.

Por fim, a Área 3 relativa ao Desenvolvimento profissional corresponde a “atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação.” (Normas Orientadoras, p.7).

3.4. Enquadramento Funcional

3.4.1. Escola e o seu contexto na generalidade

Nada melhor para descrever uma palavra/conceito do que procurar no dicionário o significado da mesma. Segundo a Porto Editora (2004) Escola trata-se de um substantivo feminino com os seguintes significados:

“1 instituição que tem o encargo de educar, segundo programas e planos sistemáticos, os indivíduos nas diferentes idades da sua formação; 2 edifício onde se ministra o ensino; 3 conjunto formado por alunos, professores e outros funcionários de um estabelecimento de ensino; (...) 8 conjunto de experiências que contribuem para o amadurecimento da personalidade e/ou que desenvolvem os conhecimentos práticos de determinado indivíduo.”

Não obstante do conceito de escola como instituição surgem palavra como educação e cultura que pertencem o mesmo contexto gramatical.

Nóvoa (1992, p. 20) refere que “a escola é encarada como uma instituição dotada de uma *autonomia relativa*, como um *território intermédio* de decisão no domínio educativo, que não se limita a reproduzir as normas e valores do *macro-sistema*, mas que também não pode ser exclusivamente investida como um *micro-universo* dependente do jogo dos atores sociais em presença.” Com esta citação o autor refere que a escola tem que ser um meio intermédio entre o ambiente que ocupa (país, localidade, meio, etc) e os valores dos seus intervenientes, opinião que concordo na sua íntegra.

Resumindo a perspetiva de vários autores podemos caraterizar a escola como uma instituição que, a partir de um conjunto de valores estáveis e intrínsecos, funciona como uma “fábrica de cidadãos”. Desempenhando um papel central na integração social e na preparação para o mundo do trabalho. De uma perspetiva histórica desempenha um papel fundamental de unificação cultural, linguística e política, afirmando-se como um instrumento fundamental da construção dos modernos estados-nação.

Por isso, podemos definir escola como instituição de promoção da cultura e educação na sua vertente holística, não se debruçando em nenhum tema ou

matéria em específico mas na junção de toda uma panóplia de valores e conhecimentos fundamentais ao ser humano e a uma sociedade em concreto.

3.4.2. A “minha” Escola e o seu contexto

A Escola Cooperante onde tive a oportunidade de realizar o Estágio Profissional caracterizava-se por ser uma escola pública com administração do 3.º ciclo e secundário, fazendo parte de um Agrupamento de Escolas do município de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto. Contextualizando o local onde se inseria posso identificar como uma vila portuguesa entre o conceito de cidade e de aldeia. A freguesia da Escola Cooperante é caracterizada pela sua pacatez, não existindo problemas graves na sua população (crime, pobreza extrema, entre outros aspetos socioeconómicos), e por haver uma boa articulação entre a junta de freguesia, o agrupamento de escolas, os clubes desportivos e as empresas residentes.

O agrupamento é constituído por seis Escolas Primárias, uma Escola Básica do 2.º e 3.º ciclos e uma Escola Secundária que contempla também o 3º ciclo de ensino (Escola Cooperante). Em relação aos estabelecimentos de ensino presentes na freguesia, num raio de um quilómetro, contabilizam-se um jardim-de-infância, uma1 escola pré/primária, uma escola de 2.º e 3.º ciclo, um colégio (2.º, 3.º ciclos e secundário) e a Escola Cooperante. Correspondendo ao centro da Freguesia a afluência populacional é bastante elevada. Sendo também importante referir que a Escola Cooperante é a sede do agrupamento e, como tal, todos os serviços administrativos são processados na mesma. A nível educacional a escola alberga cerca de seiscentos alunos do 3º ciclo, secundário, cursos profissionais e vocacionais fazendo com que haja uma grande heterogeneidade de idades (13 aos 21 anos) e de perspetivas de futuro por parte dos alunos.

Apesar de não ser um estabelecimento de ensino ou desportivo é importante realçar o Lar Juvenil vizinho da Escola Cooperante, pois trata-se de uma instituição que acolhe crianças e jovens problemáticos ou de famílias

controversas. As crianças e jovens desta instituição frequentam as escolas do centro da freguesia onde se incluía a Escola Cooperante. Devido aos seus históricos familiares, estes jovens requerem um acompanhamento mais regular e individualizado por parte das escolas e dos professores. No início do ano letivo é tomado em conta este aspeto importante e há uma distribuição destes alunos por todas as turmas de forma a existir uma maior inclusão entre os alunos.

A nível de recursos espaciais, a instituição referida cede os seus espaços à Escola Cooperante para a realização de atividades inerentes à disciplina de Educação Física ou extracurriculares, como acontece com o corta-mato, caminhadas, corridas, campos de futebol e piscina exterior, traduzindo-se, esta dinâmica, numa relação de cooperação entre as duas instituições.

Numa perspetiva desportiva, a freguesia possui uma vasta diversidade de modalidades e recintos desportivos, designadamente o Clube Hóquei dos Carvalhos, o Ginásio VIV, o Ginásio MaduGym e o Colégio Internato dos Carvalhos que dispõe das modalidades de Andebol, Voleibol, Ténis, Ginásio e Futebol (através da Academia do Sporting Clube de Portugal). No complexo Desportivo de Pedroso encontra-se a Piscina Municipal Aurora Cunha, o Futebol Clube de Pedroso, o Clube de Atletismo Os Gaienses e a Escola Let's Dance.

Com um leque tão alargado de recintos desportivos e modalidades, verifica-se uma grande percentagem de alunos que praticam desporto, algo que tem transfere para as aulas de Educação Física e destas para a prática desportiva.

Relativamente ao espaço físico da escola, a mesma é constituída por um parque de estacionamento, cinco pavilhões, cantina, bar, biblioteca, reprografia, dois pavilhões desportivos, uma pista de atletismo e um campo exterior.

3.4.2.1. Espaços inerentes à Educação Física

As instalações da Escola Cooperante a nível desportivo eram bastantes boas, adequando-se perfeitamente à grande maioria das modalidades propostas

pelo Ministério da Educação e das Ciências para o 3º Ciclo de estudos e o Secundário.

O espaço Exterior direcionado para a Educação Física era caracterizado por um campo de 40m x 20m com duas balizas para a prática de futsal e andebol. Perpendicularmente às medidas dos campos de futsal e andebol, existiam três campos de basquetebol com as respetivas seis tabelas e marcações. Seguindo essa mesma orientação, também era possível “construir” três campos reduzidos para a prática de futsal e andebol com seis balizas. Contudo, não existiam marcações permanentes para estes campos. Em torno do campo principal existia uma pista de atletismo com quatro faixas e um perímetro de aproximadamente 168m. No topo norte do espaço, localizava-se a caixa de areia com uma pista para a corrida preparatória do salto em comprimento e triplo salto. Paralelo ao campo principal e sobre a pista de atletismo e a pista de saltos encontrava-se uma pista de velocidade com 4 faixas e um comprimento de 60m.

O espaço interior era constituído por dois pavilhões e uma arrecadação mutua. O “ginásio maior” com bancada superior contemplava nas suas extremidades (largura do pavilhão) duas baliza e duas tabelas com respetivas marcações para basquetebol, andebol, futsal e voleibol, sendo possível nesta última modalidade colocar os postes e a respetiva rede a meio do pavilhão. Ao longo do seu comprimento continha mais quatro tabelas para dois campos reduzidos de basquetebol.

Este espaço durante o ano letivo era dividido em dois (G1 e G2) por uma cortina a meio-campo, com o intuito de ser utilizado por duas turmas ao mesmo tempo. O “ginásio pequeno” continha duas tabelas nas suas extremidades com respetivas marcações para basquetebol, espaldares, duas cordas verticais e argolas. Este espaço normalmente era utilizado para lecionar ginástica devido a ser um espaço mais reduzido e com bom acesso para a arrecadação.

Ainda no contexto dos espaços físicos destinados para a Educação Física, a escola possuía dois balneários exteriores, quatro balneários interiores, uma sala para os funcionários e outra para os docentes com casa de banho e balneário destinado aos mesmos.

Ao nível do material disponível, a escola encontrava-se preparada para lecionar: andebol, basquetebol, voleibol, futsal, ginástica acrobática, artística (cavalo com arções, argolas, barras paralelas, trave e solo), rítmica (corda, arco, bola e fita), trampolins, patinagem, corfebol, atletismo (fundo, meio-fundo, velocidade, estafetas, dardo, martelos, pesos, salto em altura e comprimento), badmínton, *frisbee* e rugby.

3.4.2.2. Grupo de Recrutamento

O grupo de Educação Física da escola cooperante pertencente ao Departamento Curricular de Expressões e era constituído apenas por professores com o código 620, tal como o Ministério da Educação (2006) define:

“As habilitações profissionais para o grupo de recrutamento Educação Física (código de recrutamento 620) são as que conferem qualificação profissional para o grupo de docência (Educação Física) do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, previsto no Decreto-Lei n.º 519-E2/79, de 29 de Dezembro, com a realização do estágio pedagógico nesse grupo de docência”.

O “nosso” grupo no ano letivo 2015/2016 era constituído por nove pessoas, quatro professores do sexo masculino, duas do sexo do feminino e três estagiários, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino.

As tarefas extralectivas dentro do grupo estavam bem definidas, a Professora C.M. tinha a função de Professora Cooperante, o Professor J.L. tinha a função de coordenar o Departamento Curricular de Expressões do Agrupamento de Escolas e a Professora A.C. de subcoordenadora, o Professor G.S. era o responsável pelas instalações, o Professor M.V. coordenava o Deporto Escolar e o Professor P.S. auxiliava os professores nas tarefas mais delicadas.

O grupo rege-se pelo Projeto Curricular de Educação Física, um documento interno que tem como principal objetivo dividir as modalidades a serem lecionadas pelos diferentes anos de ensino. Cumprindo, assim, o

Programa de Educação Física na sua íntegra sem sobreposição ou privação de nenhuma modalidade.

A par desse documento, é realizado no início do ano letivo, um *Roulement*⁵, definindo desta forma o espaço disponível para cada professor ao longo do ano. É política do grupo de Educação Física não realizar (ou pelo menos evitar) aulas à chuva, por isso existe sempre um espaço interior livre de forma a poder ser utilizado pelo professor que se encontra destacado para o exterior. Contudo, durante o decorrer do ano o *Roulement* pode ser reajustado por mútuo acordo entre os professores, sendo o bom ambiente sentido dentro do grupo um facilitador destas situações.

3.4.2.3. Desenvolvimento do Núcleo de Estágio

Núcleo de Estágio, companheiros, grupo, conselheiros, uni, retratam sinónimos para descrever o nosso núcleo. Algo peculiar no nosso núcleo era o facto de todos possuírem uma formação inicial distinta: eu na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e os colegas na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Por se tratar de um grupo tão heterógeno, a todos os níveis, personalidade, formação inicial, feitio, desporto de formação, entre outros, fazia com que o grupo se completasse em todas as áreas de intervenção do Núcleo de Estágio. As diferentes vivências de cada elemento, as expectativas e o forte companheirismo sentido no decorrer do ano letivo conduziram a um processo de formação exímio dos três elementos.

No início do ano letivo as tarefas a serem realizadas pelo Núcleo de Estágio e por cada Estudante Estagiário em particular foram sempre bem estruturadas. Tarefas, atividades, prazos e datas, foram bem definidas nas primeiras reuniões com a Professora Cooperante e posteriormente com a Professora Orientadora. Exemplo disso foram as participações no Desporto Escolar, Corta-mato, Direção de Turma ou experiência com a Turma Partilhada, entre outras, que padeceram

⁵ Documento que define a rotação dos professores pelos espaços disponíveis na escola.

de uma organização bem estruturada de forma a não sobrecarregar nenhum dos elementos do Núcleo.

3.4.2.4. Turma Residente

De forma a contextualizar a minha experiência no Estágio Profissional é de extrema importância retratar a turma que acompanhei durante o ano letivo.

Tal como referi anteriormente, a atribuição da turma residente foi realizada de uma forma aleatória entre os três Estudantes Estagiários. Todas as turmas da Professora Cooperante encontravam-se no 9º ano de escolaridade do 3.º ciclo de estudos, sendo desta forma a Disciplina de Educação Física de carácter obrigatório.

Com o intuito de conhecer melhor os elementos da turma, o Núcleo de estágio optou por realizar no início do ano um questionário (Anexo II) com o objetivo de resgatar informações importantes sobre os alunos. O mesmo estava subdividido em três categorias de forma a obter informações sobre 1. Contactos do aluno e do encarregado de educação, 2. Saúde e 3. Práticas desportivas. Tendo o Núcleo de Estágio optado por realizar o questionário na aula de apresentação de modo a obter dados cruciais para as aulas seguintes e para a planificação de todo o ano letivo.

Através dos dados adquiridos obtive informações importantes sobre os alunos, tendo conhecimento dos dados de saúde percebi quais eram os alunos que necessitavam de uma atenção reforçada, principalmente aqueles que tinham problemas cardiorrespiratórios. Relativamente aos contactos dos Encarregados de Educação, foram requeridos no sentido de prevenção, caso ocorresse algum acidente durante as aulas ou fosse necessário falar sobre um caso em particular (tal como sucedeu com a participação de um aluno no campeonato distrital) possuindo desta forma um contacto direto/rápido para o fazer. No que concerne ao questionamento das modalidades praticadas, obtive uma informação geral se de uma turma “ativa” se tratava e nas modalidades que

viriam a ser lecionadas quais seriam os alunos com maior potencial para a gestão/auxílio das aulas.

Sendo o Relatório de Estágio um documento público é de carácter ético proteger a identidade dos alunos, por essa razão designarei a turma que me foi atribuída com o heterónimo de “9ºX” e os alunos interveniente com nomes fictícios.

3.4.2.4.1. Análise das Informações

A Turma Residente atribuída era constituída por 27 alunos, sendo 13 do sexo masculino (48.1%) e 14 do sexo feminino (51.9%). Analisando posteriormente os dados por sexo e turma foi possível retirar as seguintes informações:

Quadro 1 - Dados da turma residente

	Género						Turma	
	♂			♀			N.º	%
	N.º	%	%/T.	N.º	%	%/T.		
Alunos	13	100,0	48,1	14	100,0	51,9	27	100,0
Problemas respiratórios	0	0,0	0	3	21,4	11,1	3	11,1
Lesões	4	30,8	14,8	3	21,4	11,1	7	25,9
Problemas visuais	5	38,5	18,5	8	57,1	29,6	13	48,1
Histórico desportivo	11	84,6	40,7	9	64,3	33,3	20	74,1
Prática desportiva regular	7	53,8	25,9	3	21,4	11,1	10	37,0

A nível de saúde no cômputo geral, apenas três alunas (11.1%) apresentavam problemas respiratórios (Asma), 7 alunos (25.9%) já tiveram algum tipo de lesão e metade da turma (48.1%) tinha problemas visuais sendo mais significativo no género feminino (57.1%). Estes dados foram importante recolher para saber quais os alunos que sofriam de alguma patologia que dificultasse ou impedisse a prática desportiva. Relativamente aos alunos com problemas respiratórios foi importante saber se estavam a ser seguidos ou

medicados e deixa-los à vontade para quando sentissem alguma indisposição comunicarem-me.

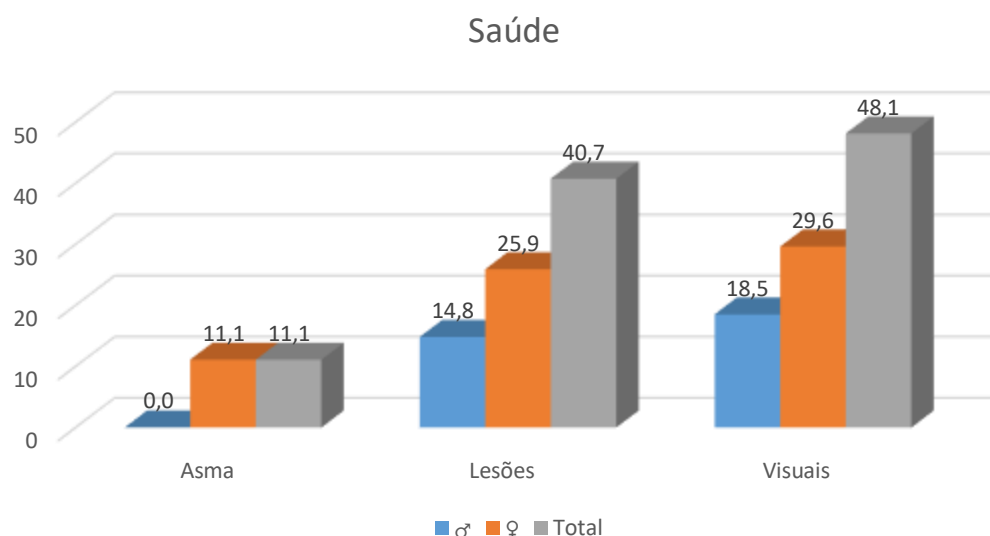


Gráfico 1 - Dados sobre saúde

A nível desportivo apenas 10 alunos (37%) tinham uma prática desportiva regular e 7 (25.9%) revelaram que não praticam nem nunca praticaram qualquer tipo de atividade desportiva. Os dados revelaram que não se tratava de uma turma fisicamente ativa, por norma os alunos que praticam uma atividade desportiva extracurricular têm uma maior aptidão para a disciplina de Educação Física. Ao longo do ano as expetativas iniciais confirmaram-se, apesar de se tratar de uma turma bastante empenhada em todas as unidades curriculares não era significativamente boa em nenhuma.

DESPORTO

■ Praticam ■ Já praticaram ■ Nunca praticaram

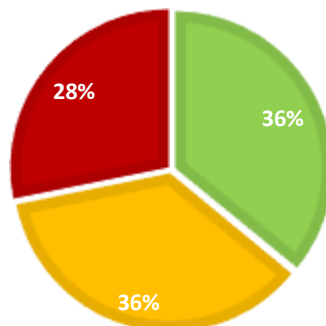


Gráfico 2 - Hábitos desportivos

Relativamente aos alunos que praticavam atividades desportivas extracurriculares havia uma heterogeneidade surpreendente. Dos 10 alunos que praticavam desporto, natação era o desporto mais praticado por 3 alunos, os restantes 7 praticavam modalidades distintas, tais como, Andebol, Hóquei em patins, Futebol, Karaté, Remo, Ténis e Dança.

Desportos Praticados

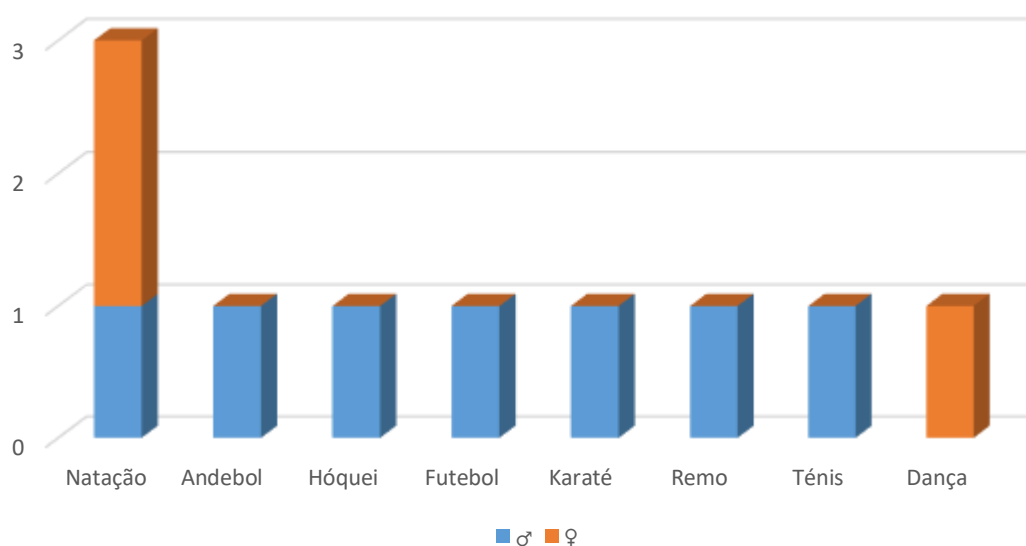


Gráfico 3 - Prática extracurricular

3.4.2.5. Turmas Partilhadas

Quanto à “participação numa turma partilhada” tive o prazer de ter usufruído de duas experiências, uma primeira participação com uma turma de 5º ano, na escola preparatória do agrupamento e uma segunda participação com uma turma do 10º ano profissional, na escola cooperante. Por se tratarem de turmas partilhadas e a participação de cada Estudante Estagiário ser restringida a uma Unidade Didática, não houve tempo nem forma de realizar uma caracterização específica dos alunos. Tendo desta forma recorrido a conversas informais com os professores residentes das turmas para perceber os aspetos mais importantes de cada turma ou casos particulares dos alunos.

Acerca da turma de 5º ano, a mesma era constituída por 27 alunos, 14 alunos do sexo masculino e 13 alunos do sexo feminino com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Quanto à turma de 10º ano, encontravam-se no ensino profissional e era constituída por 28 elementos 16 do sexo masculino e 12 do sexo feminino com idades compreendidas ente os 16 e os 19 anos. Sendo importante realçar que na turma em questão havia uma grande percentagem de alunos repetentes.

4. Vivências das várias etapas

4.1. Conceção – Saber antes de Fazer

A concepção sobre uma temática surge no objetivo de formular uma ideia, conceito ou noção sobre uma problemática ou conceito a ser retratado. Não poderia, de forma alguma, discorrer sobre o “mundo” da Educação Física sem previamente ter um conhecimento sobre o que ela representa, qual é o seu objetivo ou até mesmo o porquê de existir. Sendo a concepção primordial antes do planeamento, tal como refere Bento (2003, p. 7) *“Todo o projeto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas ou normas programáticas de ensino, nomeadamente na concepção de formação geral, de desenvolvimento multilateral da personalidade e no grau de cientificidade e relevância prático-social do ensino.”* Desta forma, torna-se indispensável a análise dos conteúdos programáticos fornecidos pelo Ministério da Educação e da Ciência tal com o Projeto Curricular construído pela Escola.

Segundo Graça (2014) *“A educação física não é uma realidade monolítica, é um terreno partilhado e disputado por tradições, comunidade de prática, retóricas de legitimação e, ciclicamente, atravessado por movimentos de renovação de discursos e práticas que procuram redefinir e recontextualizar as formas e os conteúdos preconizados para a área da educação física.”* Na minha perspetiva, concepção é algo mutável ao longo dos tempos que vai sofrendo alterações bidirecionais dos seus elementos. Desta forma a disciplina de Educação Física é o produto final dos seus intervenientes: Ministério(s), Escola, Professores e Alunos.

O porquê da Educação Física existir no currículo escolar das crianças/jovens apoiasse no seu valor educativo, pela capacidade de promover uma ação interventiva na sociedade, pela bem-estar e sentido de realização que proporciona e pelo contributo para uma sociedade melhor, como refere Graça (2015). Após perceber a legitimação da existência da disciplina de Educação

Física é importante perceber qual o sentido e os objetivos do Estado Português para mesma. Para dar resposta a estas questões é necessário consultar os Programas Nacionais de Educação Física, aprovados pelo Ministério da Educação e da Ciência que delineiam os objetivos do 1.º Ciclo ao Ensino Secundário. Tais Programas estão em vigor desde: 1998 referente ao 2.º Ciclo; 2001 relativamente ao 3º Ciclo e 2004 no que concerne ao 1º Ciclo de ensino. Quando a literatura refere a promoção de ajustamentos constantes há sociedade e todo o envolvimento, tornasse um pouco ambíguo quando confrontados com as datas de redação dos documentos oficiais de Estado. Sobral (1988) cita no seu livro um famoso pedagogo Francês, Gaston Mialaret, referindo que *“a escola instituição social, é e deve ser, simultaneamente, reflexo de um estado social e um dos **fatores de transformação da sociedade**”*, concordado com a opinião do autor deixo a questão no ar: Se assim é, porque continuamos com Programas ultrapassados e completamente obsoletos?

Com o intuito de seguir as diretrizes dos Programas Nacionais de Educação Física surge a inevitabilidade de analisar o Projeto Curricular de Educação Física, que tem o objetivo colocar em prática e sobre contexto real as intenções do Ministério da Educação e da Cultura. Bento (2003, p. 57) refere que a formulação dos objetivos *“implica o jogo conjunto de indicações programáticas (pré-planeamento central) e das condições e ações (locais) que as prolongam e concretizam. Este ajustamento das indicações centrais à situação concreta é necessária em todas as circunstâncias, tanto mais que as condições de cada escola – e mesmo no interior de cada escola – são bem distintas.”*. Desta forma não podemos apenas “copiar” os objetivos centrais e “colar” na escola em que estamos inseridos, tem obrigatoriamente que existir uma análise do envolvimento. Indo ao encontro destas diretrizes recorde uma história contada por um professor durante o primeiro ano de mestrado, o mesmo referiu que quando dava aulas numa escola sentiu-se obrigado a lecionar patinagem. Pois, como existia uma superfície comercial perto da escola em que os funcionários se deslocavam em patins, os alunos em conjunto com os professores sentiram a necessidade de lecionar essa modalidade de forma aos alunos poderem ingressar no mundo laboral com as competências solicitadas. É neste e noutros

sentidos que a análise detalhada de cada envolvimento é essencial no planeamento de cada Projeto Curricular de Escola.

Colocando um pouco de parte as questões formais e a sua legitimidade, surge a necessidade de descrever as funções e características do (Bom) Professor. Tendo um papel fundamental no sistema de ensino, pois é a cara do mesmo perante os alunos, tornasse importante perceber detalhadamente as suas obrigações perante o Estado, a Escola e os Alunos. Compilando a opinião de vários autores, Cunha (2008) sintetiza alguns papéis e funções do professor na atualidade, das quais destaco as seguintes: Mediador no subsistema escolar; agente transmissor de saber e de cultura; conselheiro; polivalente e multifacetado. Para o autor *“as funções do professor são cada vez mais multifacetadas e complexas, uma vez que já não se limitam apenas ao conhecimento específico de uma determinada área do saber, (...) sendo-lhes exigidas outras atuações, nomeadamente, na **promoção do desenvolvimento pessoal** dos seus alunos, proporcionando-lhes oportunidades de desenvolvimento de **pensamento crítico**, criativo, reflexivo e autónomo, em diálogo **envolvimento social e profissional**.”* (Cunha, 2008, p. 64). Partilhando na íntegra a opinião do autor no meu entendimento essas são as características fundamentais do professor, não podendo apenas as suas competências cingirem-se ao ato de lecionar mas a todas as funções que desempenha na escola.

Na atualidade a reflexão plurilateral é outro conceito relacionado com o “bom professor”, Oliveira (1996, p. 77) na sua dissertação de doutoramento refere o seguinte:

“O conceito de reflexão, assim como outros conceitos que lhe estão associados – prática reflexiva, professores reflexivos, reflexão sobre a ação, pensamento reflexivo, ensino reflexivo – tem vindo ocupar um lugar cada vez mais central nos discursos sobre a formação de professores. Parece estar generalizada a ideia de que a abordagem reflexiva na formação de professores desempenha um papel determinante no seu desenvolvimento profissional”. Mencionando que, com estas características o professor centrar-se-á na problematização, no questionamento e na consciencialização das suas ações

proporcionando desta forma uma mudança no processo de ensino/aprendizagem e consequentemente uma melhoria das suas práticas (Oliveira, 1996).

Após maturar o conhecimento dos autores anteriores posso concluir que se às funções do professor referidas por Cunha, unirmos os métodos do “bom” professor referidos por Oliveira, estão reunidos os ingredientes fundamentais para um “super-professor”.

4.2. Planeamento – Fases do Fazer

Sendo o Planeamento uma fase *à priori* do processo de ensino aprendizagem preconiza que ocorra *“uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo pois evidente a relação estreita com a metodologia ou didática específica desta, bem como com os respetivos programas.”* (Bento, 2003).

O modelo de estrutura, organização e planeamento adotado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e consequentemente pelos Professores Orientadores/Cooperantes é baseado no Modelo de Estrutura do Conhecimento (*Intructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach*) de Vickers (1990). O Modelo utilizado é constituído por oito módulos referentes a três áreas: Análise; Decisões e Aplicação. O quadro abaixo explica detalhadamente quais os módulos e o propósito de cada fase do Modelo de Estrutura do Conhecimento.

Quadro 2 - Modelo de Estrutura do Conhecimento (Vickers 1990), adaptado por Mesquita (2014)

Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC)		
Módulo 1	Estrutura do Conhecimento	Análise
Módulo 2	Análise das Condições de Aprendizagem/Envolvimento	
Módulo 3	Análise dos Alunos	
Módulo 4	Determinação da Extensão e Sequência dos Conteúdos	Decisões

Módulo 5	Definição dos Objetivos	
Módulo 6	Configuração da Avaliação	
Módulo 7	Desenho das Atividades de Aprendizagem/Progressões	
Módulo 8	Aplicação em prática de todos os conhecimentos	Aplicação

O Modelo supracitado pode e deve ser aplicado durante os três níveis de planeamento referidos por Bento (2003, p. 59):

*“A lógica da realização progressiva do ensino, da sua perspectiva sistemática e de continuidade, do seu carácter processual e do seu decurso temporal, aponta a necessidade de diferentes momentos e níveis das tarefas de planeamento e preparação do ensino pelo professor: **plano anual**, plano periódico, plano de ciclo ou unidade temática, ou unidade de matéria, ou **unidade didáctica**, e **plano (...) aula**. Os diferentes planos são, assim elaborados, inter-relacionados e entendidos como estações ou etapas intermédias e necessárias na via do aumento da qualidade de concepção e de melhoria da realização do ensino.”*

No ano de estágio o planeamento tornasse uma ferramenta essencial para o Estudante Estagiário, com a quantidade de informação a todos os momentos é importante definir linhas orientados para não nos perdemos no caminho. Na fase inicial do PES não percebia o motivo do planeamento ser tão exaustivo, principalmente no que concerne ao Planeamento Anual, pois foi solicitado pela Professora Cooperante que o fizéssemos em Núcleo de Estágio antes do ano iniciar. Por vezes os pensamentos que me ocorriam eram no sentido de “Se nem os conheço (alunos) como é que poderei definir objetivos para todo o ano!?”, mas gradualmente fui tendo consciência dos diferentes níveis de planeamento e perceber qual a sua importância nos diversos momentos.

4.2.1. Plano Anual

Tal como refere Bento (2003, p. 63) *“a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo,*

uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo.” Na linha de pensamento do autor a elaboração do planejamento anual foi uma das primeiras tarefas realizadas pelos Estudantes Estagiários. Para dar resposta a esta tarefa foi elaborado pelo Núcleo de Estágio um Modelo de Estrutura de Conhecimento com os módulos referidos anteriormente na Análise e Decisões. Alguns dos módulos foram realizados em grupo, pois eram transversais aos três Estudantes Estagiários:

- Módulo 1 - Estrutura do Conhecimento (Análise do Programa Nacional e do Projeto Curricular de Educação Física);
- Módulo 2 - Análise das Condições de Aprendizagem/Envolvimento;
- Módulo 5 - Definição dos Objetivos (Gerais)
- Módulo 7 - Desenho das Atividades de Aprendizagem/Progressões (Gerais)

Os restantes módulos foram realizados individualmente e compilados num único documentos:

- Módulo 3 - Análise dos Alunos
- Módulo 4 - Determinação da Extensão e Sequência dos Conteúdos
- Módulo 6 - Configuração da Avaliação

A importância deste documento surge com a necessidade compilar todas as informações importantes para a leção da Disciplina de Educação Física durante todo o ano letivo.

De todos os módulos realizados o mais “famoso” é sem dúvida o Módulo 4 - Determinação da Extensão e Sequência dos Conteúdos, consistindo num *macro* planejamento para o ano letivo, que apesar de poder acoplar mais informações, as duas questões fundamentais que deve dar resposta são: **“Quando?”** e **“O quê?”**.

Não se tratando de um módulo eremítico a sua construção está dependente dos restantes módulos. Visto que a Professora Cooperante já acompanhava a minha Turma Residente desde o 7º ano, para além do Projeto Curricular de Educação Física tinha o pleno conhecimento das matérias que

foram lecionadas nos anos anteriores. Dessa forma as Unidades Didáticas transversais para 9º ano da Escola Cooperante eram: Basquetebol, Atletismo, Ginástica de Solo/Aparelhos, Voleibol, Andebol e uma modalidade alternativa ao critério de cada Estudante Estagiário, sendo a minha escolha a modalidade de Rapel. No total estavam previstas 98 aulas, sendo 33 referentes a blocos de 90 minutos e 32 referentes a blocos de 45 minutos.

Tendo em consideração as matérias de ensino a serem lecionadas e os espaços disponíveis a cada momento, as Unidades Didáticas foram distribuídas da seguinte forma. No primeiro período as primeiras 3 aulas⁶ foram utilizadas para apresentação e para condição física com o intuito de conhecer melhor os alunos, fomentar o espírito de cooperação fundamental para todo o ano letivo e perceber os que tinham melhor aptidão para a prática desportiva e/ou espírito de liderança. Neste período a previsão era lecionar a Unidade Didática de Basquetebol, no ginásio 1 as aulas de 45 minutos (1 bloco) e no ginásio 2 as aulas de 90 minutos (2 blocos), perfazendo um total de 15 sessões. A Unidade Didática de Atletismo contemplou 18 sessões sempre no espaço exterior. No segundo período foi previsto lecionar 17 sessões correspondentes à Unidade Didática de Ginástica de aparelhos e solo sempre no ginásio pequeno, devido a sua localização era mais fácil a montagem do material necessário à aula, e 15 sessões inerentes à Unidade Didática de Voleibol no ginásio 1. Por último, no terceiro período estava previsto lecionar 15 sessões correspondentes à Unidade Didática de Andebol no ginásio 1 e 2 e 10 sessões relativas à Modalidade alternativa (Rapel) no ginásio 2. Ao longo de todo o ano estava também previsto exercitar a condição física dos alunos através do método de Treino Funcional.

Apesar de ter sido este o planeamento anual/inicial o mesmo foi sofrendo algumas alterações ao longo do ano, estando as aulas de Educação Física inseridas num sistema aberto está dependente de vários fatores externos. Esta ideia é referido por Bento (2003, p. 16) num parágrafo bem descritivo, “*O ensino é criado duas vezes: primeiro na conceção e depois na realidade*”.

⁶ Aula corresponde a cada momento com os alunos e sessão/bloco a cada 45min de aula.

4.2.2. Planeamento da Unidade Didática

Após o macro planeamento que é o Plano Anual, urge a necessidade de criar algo mais concreto e direcionado para cada matéria de ensino, sendo esse o meso planeamento referente à Unidade Didática. Tal como refere Bento (2003, p. 75) *“as unidades temáticas ou didáticas, ao ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.”*

Ao contrário do que sucedeu com a Planeamento Anual senti mais facilidade em realizar o planeamento da Unidade Didática. Penso que essa facilidade e gosto advém da minha personalidade, por me considerar uma pessoa objetiva e viver o presente sem pensar muito no futuro quando mais próximo e concreto é aquilo que faço mais entusiasmante se torna para mim. Para o planeamento da Unidade Didática a Professora Cooperante aconselhou-nos que realizássemos os sete módulos do Modelo de Estrutura do Conhecimento propostos por Vickers (1990). A organização dos conteúdos foram concebidos tendo em consideração quatro categorias transversais: habilidades motoras, condição física, cultura desportiva e conceitos psicossociais. Desta forma, a Unidade Didática tornasse uma ferramenta essencial para o planeamento das aulas, pois temos que ter consciência que é impossível lecionar tudo sobre uma modalidade e o facto de delinear os objetivos para cada uma das quatro categorias transversais torna o foco da nossa atenção mais restrito e eficaz no processo de ensino aprendizagem. Nesta fase do planeamento as questões que pairavam na minha cabeça eram **“O que vou ensinar?”** e **“Como vou fazer?”**. Tendo definido objetivos bem concretos do que queria que os alunos aprendessem e o que iria dar mais ênfase em cada Unidade Didática, pois os objetivos tinham de ser adequados à turma e a cada aluno. Sem dúvida que esta era a parte mais “complicada” na construção de cada Unidade Didática e a possibilidade de fazermos alguns dos módulos em Núcleo de Estágio facilitou o processo e fomentou o espírito crítico de cada um dos intervenientes. Por vezes aspetos que pensava que eram

superficiais/irrelevantes após discutir com os colegas de estágio passavam a fundamentas e o vice-versa também ocorria.

Apesar de na minha vida como estudante ter vivenciado vários tipos de modelos de ensino/instrucionais apenas no primeiro ano de mestrado aprendi a distingui-los e a perceber os seus métodos de aplicação. Tendo, desta forma, um conhecimento mais alargado dos diferentes tipos de metodologias pude perceber quais são os mais compatíveis com a minha maneira de ver o ensino-aprendizagem e quais os mais vantajosos para os alunos. Realizando uma pequena revisão da literatura, Mesquita e Graça (2009) referem como principais modelos os seguintes: O **Modelo de Instrução Direta** (Rosenshine, 1979), o **Modelo Desenvolvimental** (Rink, 1985), e o **Modelo de Educação Desportiva** (Sidentop, 1991)

O Modelo de Instrução Direta (MID) *“caracteriza-se por centrar no professor a tomada de praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente, a prescrição do padrão de envolvimento dos alunos nas tarefas de aprendizagem. Neste domínio, o professor realiza o controlo administrativo, determinando explicitamente as regras e as rotinas de gestão e ação dos alunos”* (Mesquita & Graça, 2009). Tal como os autores referem este é o modelo tradicionalmente usado pelos professores, por diminuir o tempo de organização/gestão e facilitar a ação do professor no decorrer da aula. Por ter as características anteriormente referidas foi o modelo de instrução privilegiado durante o ensino das Unidades Didáticas, com a exceção da Unidade Didática de Andebol onde o modelo de instrução adotado foi o Modelo de Educação Desportiva. Este último, não existe homogeneidade entre os autores, em alguns livros consideram como modelo de instrução (Pedagogia do Desporto, 2009) e noutros como modelo de ensino (Jogos Desportivos Coletivos – Ensinar a Jogar, Graça e Mesquita (2015)). Na minha opinião este modelo insere no conceito dos “modelos de ensino”, por ser um modelo bastante particular e mais que um simples modelo de instrução.

A utilização do Modelo de Educação Desportiva (MED) surgiu na elaboração do Planeamento Anual. O objetivo primordial quando a Professora Cooperante nos propôs a utilização deste modelo foi sairmos da nossa “zona de

conforto” e verificarmos as vantagens, desvantagens e objetivos distintos em relação ao modelo tradicional usado (MID). Enfatizando desta forma outros valores, como é descrito no enxerto da Unidade Didática:

“Durante as aulas em que será utilizado este modelo daremos maior enfoque ao espírito de equipa, fairplay, festividades, entusiasmo, autonomia e também à competição, contribuindo todos os parâmetros para uma pontuação final. Sempre que as equipas/atletas obtiverem sucesso nas suas tarefas serão atribuídos pontos, e retirados caso existam comportamento desviantes.”

Excerto da Unidade Didática de Andebol – MED

Relativamente às estratégias usadas durante o ano letivo utilizei sempre da base para o topo, por considerar que maturidade dos alunos e o seu nível de conhecimento nas modalidades não era suficientemente abrangente e amplo para proceder a um ensino do topo para a base. Na minha opinião esta segunda estratégia só pode ser utilizada quando os alunos têm um conhecimento aprofundado da modalidade que está a ser lecionada ou em contexto de treino desportivo, caso contrário a sua aplicabilidade não é viável.

4.3.3. Plano de Aula

O Plano de Aula é o último nível de planeamento, onde se descrevem todas as sequências de ensino-aprendizagem a realizar durante a sessão de ensino. Esta fase de planeamento deve ser congruente com os níveis de planeamento anteriores, Plano Anual e Unidades Didática. Tal como refere Arends (2008, p. 118) as planificações de aulas esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem usadas, os materiais necessários, as atividades, os passos específicos e os processos de avaliação.

A estrutura adotada pelos Estudantes Estagiários foi elaborada em conjunto com a Professora Cooperante. Estando dividido em três partes, Cabeçalho, Objetivo da Aula e “Corpo” da aula. Relativamente ao cabeçalho este

identificava (1,2, 3 e 4), caracterizava (5, 6, 7 e 8) e situava a nível temporal (9, 10, 11, 12 e 13) a aula que ia ser lecionada (Anexo III):

(1) nome do professor estagiário, **(2)** nome do professor cooperante, **(3)** turma, **(4)** número de alunos previstos, **(5)** espaço destinado, **(6)** Unidade Didática, **(7)** material necessário para a aula, **(8)** função didática, **(9)** data **(10)** hora de início, **(11)** duração/tempo efetivo de prática, **(12)** número da aula e **(13)** número da sessão.

O espaço destinado ao “Objetivo da Aula” estava subdividido em quatro, Habilidades Motoras, Cultura Desportiva, Condição Física e Conceitos Psicossociais tal como é sugerido no Modelo de Estrutura de Conhecimento de Vickers (1990). À exceção do último objetivo (conceitos psicossociais), tinha de referir se objetivo descrito estava a ser introduzido, exercitado, consolidado ou avaliado, indo de encontro ao planeado na Unidade Didática.

Por último, mas não menos importante, era descrito o “Corpo” da aula referente à Parte Inicial, Fundamental e Final. Descrevendo em cada parte o tempo necessário, o objetivo comportamental esperado, a situação de aprendizagem e as determinantes técnicas (Componentes Críticas e Feedbacks).

O plano de aula foi sem dúvida a parte do planeamento que foi aprimorado aula a aula sempre com dificuldades e focos de atenção distintos. Numa fase inicial o meu foco de atenção recaio sobre as situações técnicas, não sabia quanto tempo estipular para cada exercício, qual seria a situação de aprendizagem mais adequada aos objetivos que propunha, como iria utilizar o espaço de aula ou como iria aumentar o tempo de empenho motor dos alunos. Mas estas questões foram sendo melhoradas com as reflexões de aula, com as críticas construtivas da Professora Cooperante, mas principalmente com a experiência que ia adquirindo e à medida que ia conhecendo melhor a turma. Outra dificuldade que tive desde o início do ano letivo e custou-me mais a perceber/ultrapassar foi o vocabulário técnico, isto é, conseguir expor por palavras os objetivos que tinha na minha cabeça. Definir a Função Didática de cada aula e distinguir dos objetivos no início foi bastante complexo para mim. Quanto ao “corpo” do plano, as partes que tive mais dificuldade foi definir os

“Objetivos Comportamentais” e ajustar as “Determinantes Técnicas” aos objetivos propostos. Estas foram as minhas batalhas durante o ano no que diz respeito ao plano de aula, mas com a dedicação da Professora Cooperante e a minha persistência consegui ultrapassar as minhas dificuldades e os últimos planos de aula ruçaram a perfeição.

4.3. Realização

Ser professor é algo mais transcendente do que apenas lecionar uma determinada matéria de ensino estipulada pelos órgãos centrais, é algo mais do que um conceito, é algo mais do que uma profissão. Ser Professor é forma de ser e estar em comunidade e em pequenos grupos, é a junção de conhecimentos científicos e práticos, é um conhecimento multifacetado e sensível a ambientes e estados. Quando transitamos de alunos para professores temos que ter consciência do que realmente é importante para nós e previamente ao “o quê?” ou “o como?” vamos transmitir as matérias de ensino temos que ter percepção dos valores que queremos passar aos nossos alunos. Pois o facto de eles serem pessoas antes de serem alunos é algo que tento que esteja sempre presente no meu pensamento e na minha forma de lidar com os mesmos. Valores como justiça, disciplina, respeito e honestidade fazem parte da minha forma de estar na sociedade e por ser tão fiel a estes princípios morais faço questão de vincalos onde quer que esteja e a “sala de aula” não é exceção.

No início do ano letivo optei por ter uma posição perante a turma mais severa, com a forma de estarem na aula, atrasos, disciplina, comunicação entre pares, em tudo. Penso que esta opção de certa forma foi planeada mas também deveu-se à minha personalidade e às minhas experiências vicariantes. Isto porque, no meu curso de secundário tive a oportunidade de ser lecionado por um professor que me marcou até aos dias de hoje, como referido anteriormente. Ele no início do ano tomou uma posição bastante dura connosco (alunos) e ao longo do ano foi relaxando essa postura à medida que a turma dava provas que merecia essa brandura, sem nunca descorarmos as regras e os objetivos

comportamentais exigidos por ele no início do ano. Esta forma de estar perante a turma tornava-me mais confiante para lecionar as aulas, mas principalmente fez-me sentir que tinha o controlo da turma. Talvez agora que olho para o passado posso ter sido um pouco exagerado na minha postura, mas devido às circunstâncias que me encontrava na altura (1º ano a lecionar, 1ª turma responsável, entre outros fatores) penso que voltaria agir da mesma forma. Todavia, num futuro caso tenha a oportunidade de voltar a lecionar a disciplina de Educação Física talvez não o faça do mesmo modo, pois a minha confiança é maior e a minha sensibilidade em relação ação-reação está mais apurada e talvez não precise de me fechar no “escudo” que é o controlo exaustivo. Este tema em questão foi bastantes vezes tema de discussão com a Professora Cooperante, pois ela era da opinião que os alunos não me tinham respeito mas sim medo. Esta opinião, vindo principalmente da pessoa mais importante no meu percurso como Estudante Estagiário, fez-me repensar várias vezes se estava a tomar a atitude certa com os alunos. Apesar de ter mantido a minha forma de estar, ao longo do ano fui baixando os meus níveis de controlo e dando cada vez mais espaço à “liderança” dos alunos. Inerentemente o facto de ter utilizado o Modelo de Educação Desportiva na penúltima Unidade Didática do ano letiva esteve relacionado com a minha obsessão pelo controlo da turma e só depois disso é que dei espaço aos alunos. Contudo, todas as regras e disciplina que foi implementada ao longo do ano foi elogiada pela Professora Cooperante, principalmente na última Unidade Didática (Rapel) onde a segurança era essencial e o comportamento dos alunos, mesmo sem a minha supervisão constate, foi exímio.

A relação que fui construindo com os meus educandos foi algo gradual e prudente, nas idades em que se encontravam e apesar de serem alunos educados, as linhas que separam o papel de professor de aluno penso que devem estar bem definidas. Como se diz no vocabulário corrente “à vontade não é à vontadinha” significando que há espaço para os alunos se exprimirem mas sempre dentro das condutas desejadas. Num sentido cronológico à medida que o tempo ia passando os alunos iam ganhando a minha confiança e eu a deles.

Tornando desta forma as aulas mais divertidas, eficazes e com um sentido bidirecional, ou seja havendo feedbacks de mútua parte.

No que concerne à organização e gestão do tempo de aula foi algo que sempre dediquei bastante atenção. Desde as rotinas no início da aula ao tempo estipulado para equipar e desequipar, foram sempre realizadas e estipuladas. Nas primeiras aulas a chamada era sempre realizada de forma a decorar os nomes dos alunos, porém como tenho bastante dificuldade em decorar nomes esse ritual perdurou durante o primeiro período. Após isso, realizava sempre uma pequena reunião no início com o intuito de instruir os alunos sobre os objetivos específicos da aula e a sequência dos exercícios previstos para a mesma.

Durante o ano tentei sempre ter uma relação próxima com os alunos, sendo que no princípio essa relação foi um pouco mais complicado pois os alunos não conseguiam separar o “professor da aula”, isto é, aquela pessoa “super-intransigente”, do “professor do final da aula” a pessoa que se preocupava com eles e que tentava perceber-los e ajuda-los no que precisassem. Sempre que reparava que um aluno estava um pouco diferente do habitual, cabisbaixo ou tristonho tentava perceber se era algo relacionado com a aula/disciplina ou com a vida pessoal, aconselhando-o da melhor forma qual fosse o motivo. Outras conversas informais que fui tendo ao longo do ano decorreram com os alunos que estavam com o Índice de Massa Corporal (IMC) um pouco elevado, alertava-os para os perigos a nível da saúde e incentivava-os a praticarem algum desporto. Noutro caso em particular, cheguei a falar com um aluno sobre as suas companhias durante o intervalo, como reparei que nunca estava com os colegas da turma mas sempre com rapazes mais velhos e com problemas referenciados (tabagismo, faltas às aulas, faltas disciplinares, entre outros comportamentos inadequados) tentei perceber se ela andava pelos mesmos caminhos e alerta-lo para os riscos do tabaco, mas principalmente das más companhias. Relativamente às relações entre pares durante a aula, tentava sempre que eles funcionassem por equipas, quer nos jogos propostos para a aula, quer nos simples exercícios de condição física. Sou da opinião que devemos fomentar o espírito de grupo, pois à exceção das aulas de Educação Física raros são os momentos durante o seu percurso escolar que os alunos funcionam como um

todo e não como partes de um sistema. Durante as aulas fomentei também o espírito de liderança entre os alunos, nos aquecimentos, nas escolhas das equipas, na orientação dos exercícios, em todos os momentos que eram possíveis. Na minha opinião as pessoas durante o seu processo educativo têm que ser educadas, também, nas competências requeridas pela sociedade e a liderança é uma característica que está presente em quase todos os momentos da nossa vida, quer em contexto pessoal quer profissional.

4.4. Avaliação

“Em quase todas as situações, os líderes são responsáveis por classificar e avaliar as pessoas que trabalham para eles. Da mesma forma, também os professores são responsáveis pela avaliação do desempenho dos alunos nas suas salas de aula – uma faceta do trabalho que alguns consideram difícil.”

(Arends, 2008, p. 208).

Avaliação é algo intrínseco ao ato de lecionar e fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de avaliar e classificar não serem sinónimos estão acopladas nos diferentes tipos de avaliações decorrentes durante o ano letivo e/ou unidades didáticas. Arends (2008, p. 211) defende que existem apenas dois tipos de Avaliações **Formativas** e **Sumativas**. Sendo as avaliações formativas “*recolhidas antes ou durante a instrução e destinam-se a informar os professores sobre os conhecimentos e as competências prévias dos seus alunos para ajudar à planificação*”. Neste sentido e na minha perceção enquadra-se a avaliação diagnóstica e a avaliação intermédia/formativa (referindo-me neste caso à avaliação realizada a meio da unidade didática) que pode ou não ser de carácter classificativo. As avaliações sumativas têm como finalidade resumir o desempenho do aluno perante um conjunto de objetivos de aprendizagem, sendo realizado um juízo (classificação) sobre os resultados. Enquadrando-se neste perfil a avaliação final (vulgarmente apelidada de sumativa) e a avaliação intermédia. Resumindo estes dois conceitos, a avaliação formativa tem como

único objetivo dar informação ao professor sobre o “estado” do(s) aluno(s) e a avaliação sumativa tem o objetivo de classificar os educandos.

4.4.1. Avaliação Inicial

A avaliação inicial/diagnóstica é um modelo de avaliação que tem como intuito avaliar/caracterizar a turma e os seus elementos numa determinada modalidade. Contudo, pode e deve ser realizada de várias formas tendo em conta a Unidade Didática que vai ser realizada, os objetivos definidos previamente (Programa de Educação Física, Projeto Curricular de Educação Física e Plano Anual), os objetivos específicos tendo em consideração a realidade da turma e o conhecimento que o professor advém sobre a mesma. Partindo da opinião que a avaliação diagnóstica deve ser algo prático e eficaz optei por realiza-la de várias formas durante o ano letivo. A primeira Unidade Didática a ser lecionada durante o ano foi o Basquetebol, como não conhecia a turma e tratava-se de um desporto coletivo a caracterização da turma era algo fundamental para uma planificação eficiente e realista das seguintes aulas. Por isso, optei por realizar uma avaliação diagnóstica mais formal, isto é, uma aula dedicada apenas para esse efeito com uma grelha criterial previamente construída e debatida em Núcleo de Estágio. Esta forma de avaliação facilitou-me bastante o planeamento das aulas seguintes, percebi não só o nível geral em que a turma se encontrava como também facilitou a criação de equipas/grupos de trabalho. Agora que perspetivo o passado penso que a forma escolhida foi a mais indicada tendo em conta o panorama geral das circunstâncias envolventes.

Todavia o modelo aplicado na Unidade Didática de Basquetebol nunca mais foi aplicado, tal como referi anteriormente a avaliação diagnóstica deve ser algo eficaz e quando não é necessária tendo em conta os fatores em questão não deve ser perdido tempo com a mesma. Nas Unidades Didáticas de Atletismo e Ginástica de Aparelhos e Solo não foi realizada qualquer tipo de avaliação diagnóstica, pois independentemente do nível ou conhecimento de cada aluno

os objetivos já estavam previamente definidos. Visto que já tinha sido feito um levantamento das modalidades que tinham sido lecionadas nos anos anterior e o conhecimento/aptidão de cada aluno não condicionaria a restante turma pois tratava-se de modalidades individuais com objetivos individuais e sequenciais. Querendo com isto dizer que nenhum aluno poderia realizar um objetivo mais avançado sem antes exercitar um inicial, por exemplo um aluno não poderia realizar o rolamento nas paralelas sem previamente exercitar o balanço e o pino de ombros.

Relativamente à Unidade Didática de Voleibol a avaliação diagnóstica foi realizada em contexto de jogo 1x1, no formato “campo do rei”. O jogo consiste nos vencedores de cada jogo transitarem para os campos mais à esquerda enquanto os derrotados transitam para o campo mais à direita. Através deste formato de torneio ocorre uma seleção natural dos melhores jogadores, situando-se estes mais à esquerda no término do “torneio”. Este foi um dos métodos escolhidos para realizar uma avaliação diagnóstica eficaz e sem os alunos se aperceberem disso.

4.4.2. Avaliação Intermédia

No que concerne à avaliação intermédia no decorrer das unidades didáticas nunca foi realizada de uma forma concreta ou específica. Isto é, nunca existiu um momento de avaliação estabelecido ou uma grelha criterial a ser preenchida. Esta forma de avaliação quer do ponto de vista formativo ou sumativo decorreu sempre no contexto das reflexões de aula, sendo cada aula preparada atendendo aos objetivos previamente estabelecidos e à correspondência da turma e de cada aluno na aula anterior. Sou da opinião que deve existir um registo informal por parte do professor a cada aula de forma a perceber a evolução da turma e de cada aluno em específico.

“Nesta aula deu para perceber que os alunos tiveram um desempenho motor bastante elevado, apesar de existirem momentos em que apenas 1 elemento se encontrava a executar (paralelas) os restantes encontravam-se envolvidos na tarefa (segurança e emitir feedback).”

Excerto da reflexão da aula n.º29

4.4.3.Avaliação Final

As avaliações sumativas que ocorreram no final de cada unidade didática foram das tarefas durante o estágio profissional que mais ponderação e planeamento obtiveram. Por ser um momento marcante tanto para os alunos como para mim todas as vezes que as realizei foram meticulosamente preparadas, pois tinham de seguir um conjunto alargado de objetivos e restrições. A avaliação sumativa tem como objetivos e características principais: **avaliar** todas as componentes **técnicas e táticas** que foram lecionadas e a **evolução** de cada aluno; **justa** e em simultâneo **adaptada** ao nível que cada elemento se encontra e **concisa** devido ao pouco tempo que normalmente há para a realizar.

“A análise e avaliação do ensino orientam-se por dois sentidos dominantes: Definição do estado alcançado (...); Precisão dos planos do professor (...)”

(Bento, 2003, p. 180)

A avaliação sumativa é algo que deve estar previamente estruturado antes do início da unidade didática, sendo um dos módulos do Modelo de Estrutura do Conhecimento (Vickers, 1990), porém não pode ser algo estanque pois só com o decorrer das aulas e com a receptividade dos alunos ao longo das mesmas é que se consegue estruturar uma avaliação mais adequada. Contudo, os dois momentos da preparação da avaliação sumativa são fundamentais, o primeiro para definir metas e objetivos e o segundo para ajustar à realidade do contexto. Durante o decorrer do ano letivo utilizei diversos métodos e modelos

para avaliar os alunos, *Check-list* de apenas executa/não executa, grelhas com atribuição de um valor, consoante o desempenho do aluno no exercício, filmagens quando queria analisar com mais tempo e pormenor os exercícios avaliados, avaliação individual e por equipas, entre outros.

Um dos modelos que mais utilizei foi a lista de verificação quantitativa, consistindo em atribuir um dado valor de acordo com o desempenho do aluno num determinado parâmetro. Porém este tipo de avaliação foi sofrendo alterações ao longo do ano, pois apercebemo-nos (Núcleo de Estágio) que quando utilizávamos uma escala de valores ímpares tínhamos a tendência de atribuir sempre o valor médio, passando posteriormente a utilizar um escala par para não reincidir nessa tendência.

“Refletindo sobre o fato das notas não serem as expetáveis tenho a enumerar as possíveis causas:

1. *Ter utilizado uma escala impar de 1 a 3, o que me levou a utilizar maioritariamente o nível 2, que transportando para uma escala de 1 a 5 é referente ao nível 3. Com isto quero referir que com a utilização de uma escala tão reduzida e ímpar a minha tendência foi atribuir uma nota mediana a todos os alunos que nem eram excelentes nem muito fracos. Passando a explicar o meu raciocínio no momento de avaliação:*

<i>Escala de 1 a 5</i>	<i>Escala de 1 a 3</i>
<i>1</i>	<i>1</i>
<i>2</i>	<i>2</i>
<i>3</i>	
<i>4</i>	
<i>5</i>	<i>3</i>

2. *Como no momento de observação apenas estava focado num aluno, num determinado momento a minha tendência era registar a ação naquele preciso momento, isto é, o aluno em 10 ações motoras até*

pode ter realizado 9 mal mas no momento em que o estava a observar coincidiu com a única vez que fez correto, logo atribui o nível 3.

Tendo em conta todos os dados referidos, quando fui a passar as notas para avaliação intercalar tive de fazer alguns ajustes pois todo o processo de ensino aprendizagem (as 15 aulas lecionadas) não podia ser apenas refletido na nota atribuída na avaliação sumativa. Na próxima avaliação sumativa que realizar terei em conta os problemas sentidos nesta avaliação e não cometerei os mesmos erros.”

Excerto da reflexão da aula n.º13

Durante o decorrer do ano letivo optei por realizar a avaliação sumativa dos jogos desportivos coletivos (basquetebol, voleibol e andebol) sempre em contexto de jogo. Sou da opinião que esta opção não é viável em todos os anos de escolaridade, principalmente no 1º e 2º ciclo. Esta forma de avaliação não se torna possível nesses ciclos por não existir continuidade nas ações, isto é, não há jogo. Como a minha turma residente se encontrava no 9º ano, já tiveram contacto com todas as modalidades em anos anteriores e as suas ações motoras/técnicas e táticas já se encontravam minimamente consolidadas, sendo a forma mais eficaz para realizar a avaliação sumativa. O mesmo não aconteceu com a minha turma partilhada do 5º ano, como era a primeira vez que tinham contacto com a modalidade de futebol (na grande maioria dos alunos) a avaliação foi realizada em contexto analítico, sendo o grande objetivo nesta faixa etária a coordenação motora e o contacto com o objeto de jogo (bola). Tendo desta forma avaliado apenas o passe, receção e condução de bola de forma isolada.

Outra forma de avaliação sumativa utilizada foram os testes escritos, apesar de, na minha opinião, não ser um instrumento de avaliação muito específico e/ou direcionado para a disciplina de Educação Física a sua principal finalidade era distinguir os alunos empenhados dos não empenhados. Pois apesar de alguns alunos terem um fraco desempenho a nível motor tinham

excelentes notas nos testes escritos, revelando desta forma que não se tratava de falta de empenho mas sim de competência motora para a disciplina.

Durante o ano as discussões em sede de Núcleo de Estágio acerca da avaliação em relação à norma ou ao critério estiveram sempre presentes. Arends (2008) defende que os testes referidos a uma **norma** tentam avaliar o desempenho de um determinado aluno comparando-o com outro(s) enquanto que os testes referidos a um **critério** medem-se face a determinado nível ou critério de desempenho previamente definido. Em todas as unidades didáticas tivemos que estabelecer os parâmetros de avaliação para cada elemento avaliado, referindo desta forma os critérios para cada nota que iríamos atribuir, contudo tenho noção que no meu subconsciente estava sempre presente avaliação normativa em pensamentos como: *“O Xavier merece 3 neste parâmetro, mas faz melhor que o José que também teve 3, por isso acho melhor atribuir-lhe o 4”*. Pensamentos como estes acorreram frequentemente durante as avaliações que apesar de serem planeadas e realizadas num contexto criterial tinham uma vertente normativa associada.

Em suma, penso que a avaliação sumativa é o momento mais importante quer para os alunos quer para o professor. Sendo para os alunos o grande objetivo de todo o trabalho realizado ao longo da unidade didática e para o professor um método para aferir a sua capacidade de ensino-aprendizagem.

5. Rapel – A “descida” para a excelência, quando a aventura é menos perigosa que a rotina

Senti a necessidade de individualizar a Unidade Didática de Rapel por ter sido uma unidade realizada à minha imagem e também o culminar de um caminho árduo porém compensador. Durante o ano de Estágio Profissional a Professora Cooperante tinha a tradição de uma das Unidades Didáticas ser ao critério de cada Estudante Estagiário. Podendo desta forma cada E.E. desviar-se dos objetivos previamente delineados, no Programa Nacional ou Projeto Curricular de Educação Física, e lecionar uma área que gostasse ou que perspetivasse ser importante no ensino integral dos alunos. A minha escolha pelo Rapel recaio sobre os dois prismas, pois sou um apaixonado pela modalidade e tenho a visão que a disciplina de Educação Física deve ser o mais transversal possível, fornecendo aos alunos o maior leque de experiências enquadradas com o ambiente e com os gostos de cada aluno, tendo sempre presente as condicionantes adjacentes. Tais conceções foram previamente descritas na planificação da Unidade Didática:

“A Unidade Didática de Rapel, apesar de não estar presente no Projeto Curricular de Educação Física da escola surge na perspetiva de fornecer novas vivências aos alunos. Juntando ao facto anteriormente referido, o meu estágio de licenciatura foi na área dos Desportos de Ar-Livre (escalada, rapel, orientação, entre outros), como tal sinto plena confiança em lecionar esta modalidade alternativa e transmitir os meus conhecimentos em prol dos alunos.”

MEC UD Rapel - Módulo 2: Análise do Envolvimento

Por se tratar de uma modalidade pouco conhecido e pouco tradicional nas escolas fez com que suscitasse bastantes questões por parte da Professora Cooperante, principalmente no que concerne à segurança dos alunos bem como o empenhamento motor dos mesmos. Após explicar detalhadamente os objetivos da Unidade Didática, os métodos de segurança que ia utilizar e a formar como iriam decorrer as aulas a Professora Cooperante deu “luz verde” ao projeto

para que pudesse arrancar. A parte inicial mais árdua foi angariar todo o material necessário para lecionar a modalidade, para tal recorri ao gabinete de recreação da faculdade com o intuito de me emprestarem algum material para as aulas. Após explicar detalhadamente ao Professor responsável qual era o objetivo do pedido, responsabilizar-me pelo estado de conservação do material e garantir que não interferiria com as aulas da faculdade o mesmo emprestou-me de bom agrado. Penso que este empréstimo apenas se sucedeu pelo facto do Professor responsável conhecer-me do estágio de licenciatura, tendo desta forma conhecimento das minhas competências para lecionar a modalidade e do cuidado que tenho com o material. Após ultrapassada esta questão ainda era necessário mais algum material, como tal decidi recorrer a um amigo que pratica a modalidade sendo a resposta rápida e positiva.

A realização de toda a Unidade Didática foi o culminar de um processo de aprendizagem durante todo o ano letivo, pondo desta forma em prática tudo que aprendi. Do planeamento à avaliação, passando pela gestão do tempo e da aula, instrução e controlo da turma.

Relativamente ao planeamento, foi contruído um Modelo de Estrutura do Conhecimento justificando a pertinência do ensino do Rapel, objetivos a serem alcançados, definição das etapas do ensino-aprendizagem, o que iria ser avaliado e como. Relativamente à Cultura Desportiva, foi apresentado aos alunos na primeira aula com o auxílio de uma apresentação digital (Prezi) todo o material que ia ser utilizado durante as aulas e as principais regras de segurança essenciais à modalidade.



Figura 1 - Apresentação da UD Rapel

Após apresentação da modalidade e os alunos estarem bem cientes das regras de segurança as aulas seguintes funcionaram sempre da mesma forma criando uma rotina que facilitou aprendizagem e a exercitação dos alunos. No início de cada aula era lecionada uma matéria nova com a turma toda reunida, diminuindo assim o tempo de instrução pelo facto de ensinar/demonstrar apenas uma vez. Nessa aula os alunos exercitavam a matéria nova e consolidavam também a anteriores. As aulas funcionaram sempre num formato de 6 estações, com 4/5 alunos, trocando de estação a cada 7 minutos. As 6 estações consistiam no seguinte:

1. Rapel na parede sempre com o supervisionamento do professor;
2. Exercitação dos novos nós e dos lecionados nas aulas anteriores;
3. Simulação do Rapel, com a corda amarrada à baliza os alunos exercitavam todos as etapas inerentes à decida;

4. Exercitação dos nós autoblocantes na corda amarrada à baliza;
5. Jogo de basquetebol de 3x3 sobre uma tabela;
6. Auxiliavam os alunos da estação 1 a equipar-se.

Esta gestão de aula só foi conseguida devido à disciplina e rigor implementado desde o início do ano letivo. Estando a minha presença restringida à descida na parede, pois era a estação que implicava mais riscos para os alunos e onde tinha de haver uma maior atenção de minha parte. Como a estação 1 situava-se nas bancadas da escola tinha uma visão completada de todos os alunos, emitindo *feedbacks* contantes e advertindo os alunos quando necessário.



Figura 2 - Estação 1 - rapel na parede

Nesta unidade a gestão de tempo e do espaço foi pensada ao pormenor. De forma a não ter de repetir a instrução dos nós, visto estar ocupado na estação 1 e não ser exequível descer da bancada sempre que houvesse uma dúvida, após explicar o novo conteúdo no início da aula colocava o meu computador portátil numa mesa com vídeos pormenorizados de cada nó. Quando os alunos tinham dificuldades na execução de um determinado nó bastava selecionar o

vídeo no computador e observar passo-a-passo, caso a dúvida persistisse quando o aluno passasse pela estação 1 tirar-lhe-ia a dúvida pessoalmente.



Figura 3 - Frames de um vídeo de demonstração

A estação 2 era a mais próxima do ponto onde eu me encontrava, como era a estação onde os alunos exercitavam os novos conteúdos conseguia ver o que estavam a realizar, emitir *feedbacks* quando necessário e observar após o nó concluído. A estação do jogo 3x3 de basquetebol tinha como objetivo primordial promover o tempo de empenho motor, sendo o rapel uma modalidade bastante específica não envolve muita ação motora mas sim destreza fina e intelectual. De forma a promover o retorno á calma após o empenho motor realizado na estação de basquetebol existia a estação 6, onde os alunos mudavam o “*Chip*” de basquetebol para rapel ajudando os colegas a equipar-se.

Relativamente à avaliação utilizei 3 métodos distintos, com o intuito de avaliar a vertente teórica e prática intrínseca a modalidade. Quanto à vertente teórica da modalidade foi realizado um pequeno teste apenas com 5 questões fundamentais no início da aula. Quanto à avaliação prática optei pela estratégia de utilizar 2 estações em simultâneo. Numa estação, os alunos retiravam aleatoriamente um papel com o nome de um nó e realizavam esse nó para uma camara de filmar que estava continuamente a gravar. Apesar de ter consciência que não era o método mais adequado era o mais eficaz tendo em conta o tempo reduzido que tinha para avaliação. O processo consistia em os alunos mostrarem o papel com o nó que lhes calhou, realiza-lo e mostra-lo no final numa perspetiva de 360º, posteriormente analisei as filmagens e atribui uma nota consoante a qualidade da execução e o resultado final. Na outra estação de avaliação prática, onde estava presente, os alunos tinham de realizar todo o processo inerente ao

rapel: Colocar o arnês e o capacete; colocar a corda no “oito”; ancorar “oito” ao arnês e descer a parede utilizando a técnica adequada. Esta forma de avaliação apelou ao meu espírito criativo e eficaz, solucionando desta forma o problema do tempo para a avaliação final.

Quando no título deste capítulo refiro “A “descida” para a excelência, quando a aventura é menos perigosa que a rotina” expressei o sentimento sentido no final da Unidade Didática. Apesar de ser uma Modalidade alternativa, radical, trabalhosa e nunca antes realizada na Escola Cooperante senti que estava na minha zona de conforto. Apercebi-me que quando tenho um objetivo bem definido faço tudo para que ele ocorra, despoletando desta forma o meu espírito de persistência e de resiliência. No final da Unidade o mais gratificante foi assistir à evolução dos alunos, principalmente daqueles que no início tinham algum receio em realizar o rapel e no final executavam todos os passos de uma forma autónoma e sem medos. Bastante gratificante foi também a congratulação da Professora Cooperante, apesar de no início estar bastante reticente em relação à modalidade e à segurança dos alunos no final parabenizou-me por todo o processo e trabalho dedicado. Referindo ainda que apesar de no início do ano letivo não pactuar com a minha forma de liderança, mais severa e rígida, admitiu que no final “colhi os frutos que plantei”, pois os alunos foram bastante responsáveis e autónomos durante toda a Unidade Didática de Rapel. Senti que terminei o ano de Estágio Profissional da melhor forma, pondo em prática todos os conhecimentos adquiridos, solucionando as adversidades que iam ocorrendo e percecionar estratégias para que os alunos aproveitassem ao máximo a aula de Educação Física.

6. Ser Professor na sua plenitude

Ser docente numa instituição de ensino é algo mais transcendente do que apenas lecionar a sua disciplina e vir embora, existe um leque alargado de tarefas e atividades durante todo o ano letivo que têm de ser realizadas para que todos os intervenientes de uma escola funcionem de forma integrada e para que o desenvolvimento transdisciplinar dos alunos seja explorado. Estas tarefas a cumprir pelos estudantes estagiários são referenciadas na Área 2 das normas orientadoras do estágio profissional, sendo na minha opinião uma mais-valia na formação global dos mesmos.

⁷ “Tarefas:

Participar nas atividades contempladas no plano educativo do departamento curricular e do núcleo de estágio.

Promover pelo menos uma Ação, no âmbito das atividades desportivas, que facilite não só a integração e a sociabilização dos alunos, como, também, promova sinergias com a comunidade.

Recolher e organizar a informação relativa à função de diretor de turma; Participar nos conselhos da turma em que realiza a PES; (...).

Recolher e organizar a informação relativa ao Desporto Escolar (DE); acompanhar o DE ou um clube de atividade interna no âmbito desportivo; (...).”

À exceção das reuniões intercalares e de avaliação, das quais estive sempre presente durante o decorrer do ano letivo, as restantes tarefas tiveram apenas uma participação esporádica. No que concerne à participação na escola numa perspetiva letiva tive a oportunidade de lecionar a Unidade Didática de Futebol à turma do 5º ano e a Unidade Didática de Voleibol ao 10º ano, referente às turmas partilhadas. Tive também a oportunidade auxiliar o módulo de dança nas turmas de 10º e 11º dos cursos profissionais e o Suporte Básico de Vida

⁷ In Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2014-2015. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

(SBV) nas turmas residentes dos meus colegas de estágio, visto não ser necessário na minha turma residente. Relativamente às atividades extracurriculares tive o prazer de organizar em conjunto com o departamento de Educação Física e os respetivos colegas de estágio o Desporto Escolar Interno. Sendo eles o torneio de voleibol, o corta-mato, o meetting de atletismo e o Dia “D” (Dia do Desporto). A nível externo tive o prazer de participar no corta-mato Distrital. No que concerne às funções de diretor de turma acompanhei a turma da Professora Cooperante ao longo do 3º período.

6.1. Desporto Escolar

O Desporto Escolar na instituição onde realizei o estágio profissional tinha um carater apenas interno, à exceção do corta-mato distrital, existindo apenas torneios inter-turmas ao longo do ano. Estando desta forma os torneios divididos por períodos, no 1º Período voleibol, 2º basquetebol e no 3º futebol, sendo abertos a todos os ciclos de ensino (3º ciclo e secundário). O Desporto Escolar estava ao encargo do Professor MV, que tinha a função de organizar e gerir todas as competições ao longo do ano, tendo os estudantes estagiários “apenas” a função de o auxiliar. De forma a todos os estudantes estagiários poderem vivenciar o contexto do Desporto Escolar dividiu-se cada modalidade/período pelos três Estudantes Estagiários, competindo-me a organização do torneio de voleibol no 1º período.

A primeira fase foi de promoção do evento, tendo elaborado um cartaz para divulgação do mesmo (Anexo IV) e pedido aos professores de Educação Física da escola para falarem com os seus alunos nas aulas. Após recolher as inscrições das equipas tive de organizar o calendário competitivo, tendo sido a parte mais árdua devido ao facto dos alunos só poderem competir fora do horário letivo. Ter que conciliar todas as variantes para elaborar o calendário competitivo foi a tarefa mais difícil de todo o processo, porém tudo se resolveu e com ajuda do Professor MV, sendo um professor bastante experiente e estando encarregue pelo Desporto Escolar há bastantes anos tudo pareceu mais fácil.

O torneio não contou com equipas do 7º e do 8º ano, devido a algumas turmas não poderem participar porque se encontravam em aulas e outras optaram por não se inscrever devido à falta de aptidão para a modalidade. No torneio houve uma maior participação do sexo feminino, tendo participado no total 5 turmas (uma do 9º, três do 10º e uma do 11º ano), quanto ao sexo masculino apenas houve a participação de 4 turmas do 9º ano.

Fazendo um balanço final do torneio reconheci que a taxa de participação poderia ter sido maior, mas para isso não só a divulgação e a envolvimento de todos os Professores do grupo teria de ser maior como as condições externas também. Na minha opinião deveria existir uma tarde na escola onde nenhuma turma tivesse aulas, do 7º ao 12º ano. Essa tarde ao longo do ano seria utilizada para os torneios desportivos e para as atividades extracurriculares propostas pela escola. Sendo essa a única solução para aumentar a participação dos alunos e não condicionar as aulas nem as atividades extracurriculares depois do horário letivo.

De uma perspetiva pessoal a organização e gestão deste torneio contribuiu para melhorar as minhas capacidades de planeamento, liderança e de resolução de adversidades. Tendo no âmbito geral cumprido com todas as tarefas e datas pré-estabelecidas e com os pressupostos estabelecidos para o Estágio Profissional.

6.2. Corta-Matos

6.2.1. Interno

O Corta-mato interno é o grande evento desportivo do agrupamento, sendo o único durante o ano letivo que as duas escolas se juntam para realizar. Este evento é realizado na Escola Cooperante em parceria com a instituição de acolhimento de jovens que faz paredes-meias com a mesma. Contou com a participação de alunos do 5º ao 12º ano perfazendo um total de cerca de 700 alunos. Devido à sua dimensão este evento teve uma fase de planeamento maior e com mais intervenientes envolvidos. A primeira fase foi de planeamento e de

delegação de tarefas, para tal foi organizada uma reunião com o Departamento de Educação Física com todos os professores da disciplina das duas escolas, ficando estabelecido o dia do evento e o formato da competição, sendo similar aos anos anteriores mas novo para os Estudantes Estagiários. Nesta tarefa o Núcleo de Estágio funcionou como uma verdadeira equipa de organização de eventos desportivos, não dividindo as diferentes tarefas pelos elementos mas sim cada uma delas pelos três. A parte da organização mais trabalhosa foi a angariação de patrocínios, cada um ficou com uma lista de patrocinadores que tinha de contactar para colaborarem com bens e/ou serviços no evento. Nesta parte da organização senti-me completamente à-vontade, pois não era a primeira vez que tinha esta função na minha vida. O facto de ter pertencido à Associação de Estudantes, mais concretamente ter sido Presidente da Direção da AEFADUEUP, fez com que trabalhasse essas *skills* e se tornasse algo completamente natural para mim. Apesar de ser algo simples para mim não era transversal a todos os elementos do Núcleo de Estágio, sendo a minha maior batalha neste âmbito ajudar a colega de estágio a superar as suas dificuldades, principalmente a sua timidez e à-vontade nestas situações. Após ultrapassada a fase de angariação de patrocínios sucedeu a fase da planificação dos percursos e das inscrições nos diferentes escalões. Este trabalho foi facilitado pelos documentos dos anos anteriores, tendo apenas que alterar as datas e acrescentar os nomes dos inscritos. A etapa de montagem dos percursos ocorreu no dia anterior nas zonas que não iam ser utilizadas e no próprio dia às 7 horas da manhã as restantes zonas. O facto de eu e do meu colega de estágio já termos participado no corta-mato quando eramos alunos da escola simplificou a nossa tarefa, pois sabíamos concretamente o que tínhamos de fazer e a ajuda do Professor MV, que também estava responsável pela montagem do percurso, foi pouco solicitada. Chegada à hora do evento foi um nervosismo para todos, apesar de estar tudo planeado e pensado ao pormenor acontecem sempre coisas inesperadas e problemas que têm de ser resolvidos. A minha função foi reunir e distribuir os voluntários pelos locais específicos de forma a garantir que em todos os espaços havia um elemento a supervisionar a prova. Estes elementos foram fundamentais não só para garantir a veracidade da prova como

também para alertarem a organização quando algum atleta precisasse de auxílio (lesões ou más disposições). Após tudo pré-estruturado a minha função durante a manhã recaio em tirar fotografias ao evento e supervisionar as zonas mais distantes da escola de forma a garantir a segurança em todo o espaço. No final do evento a Professora Cooperante teve a gentileza de nos dar a função de entregar as medalhas aos participantes, esta foi a forma que encontrou de nos agradecer por todo o trabalho desempenhado na realização da atividade.

Neste “mega” evento a parte que tenho a salientar foi o trabalho em equipa, pois um evento desta magnitude necessita da junção de esforços para a resolução de todas as etapas. Conseguindo desta forma vivenciar um pouco a gestão desportiva que é necessário para a organização de eventos. Tendo adquirido competências na organização de eventos desportivos, importantes para o meu futuro como professor ou noutra área relacionada com desporto.

6.2.2. Distrital

Após a realização do corta-mato interno os melhores classificados tiveram a oportunidade de competir a nível distrital. Como os Estudantes Estagiários estiverem presentes em toda a organização do corta-mato interno a Professora Cooperante convidou-nos a acompanhar os alunos no evento distrital. Neste evento as funções dos Estudantes Estagiários foram completamente distintas em relação às funções desempenhadas no corta-mato interno, tendo apenas que atuar no plano operacional. A concentração ocorreu por volta das 7h30 na escola Preparatória do Agrupamento, tendo sido a nossa primeira função falar com os Encarregados de Educação dos alunos que iam participar, do 5º ao 12º ano de escolaridade. Principalmente tivemos de explicar onde ia decorrer a prova, hora prevista de chegada e tranquiliza-los em relação à segurança do evento, principalmente aos Encarregados de Educação dos alunos mais novos. Ter o primeiro contacto com os Encarregados de Educação foi algo diferente para mim e revelou a responsabilidade que nos estava a ser confiada. Após essa primeira fase de chegada dos alunos, realizamos a chamada e recolhemos os Cartões de

Cidadão necessários para acreditação dos alunos na prova. Após uma viagem com muita alegria e boa disposição chegamos ao local do evento, sendo o verdadeiro caos! Imensos autocarros, filas intermináveis, falta de estacionamento, pouco policiamento na gestão do trânsito, ruas estreita, entre outros fatores que ditavam um mau começo. Durante a viagem dividimos os escalões dos alunos pelos Estudantes Estagiários, ficando cada um responsável por um grupo de alunos. Durante todo o evento tive a função de supervisionar o grupo de alunos que estava responsável, leva-los à linha de partida aquando da prova, ir busca-los no término da mesma e distribuir os lanches a cada um. Descrevendo desta forma as tarefas que realizei até pareceu algo simples, mas se adicionarmos o facto de estarem presentes centenas de crianças, a agitação dos alunos ser bastante elevada e ter havido períodos de chuva as circunstâncias complicam-se um pouco.

Neste evento foram postos à prova capacidades distintas das que já tinha vivenciado, como ter há minha responsabilidade alunos que não conhecia, saber lidar com o *stress* da prova, conseguir arranjar estratégias de controlo em pouco tempo e principalmente saber manter a calma mesmo em situação de confusão. Essas sem dúvida que foram as capacidades mais requisitadas ao longo de todo o corta-mato distrital e que me proporcionam a experiência de uma atividade com a participação de várias escolas.

6.3. Meeting de Atletismo

O Meeting de Atletismo tratou-se de uma atividade já com bastantes anos de existência, destinando-se apenas a alunos da escola (7º ao 12º ano). Nesta atividade os alunos participam por equipas/turmas e por sexo tendo que realizar várias provas: Estafetas (4x100m); Salto em comprimento; Salto em altura; Velocidade (40m) e Resistência (1000m). No final da atividade existiu uma classificação e consequente medalha por prova e por equipa. A par do corta-mato esta atividade envolveu todos os professores Educação Física, ficando cada um responsável por uma prova e/ou uma tarefa. Nesta atividade a minha

função recaio na organização dos treinos de salto em altura, em conjuntos com os EE e na organização/gestão da prova de estafetas. Como o salto em altura se caracteriza por ser uma modalidade bastante específica e técnica do atletismo o Núcleo de Estágio organizou treinos nas semanas que antecederam a prova para os alunos que quisessem melhorar as suas aptidões. Nos treinos estiveram sempre presentes os três EE, decorrendo sempre num clima informal com muita alegria mas também rigor e superação dos alunos. A maioria dos alunos que participaram nos treinos eram alunos das nossas turmas residentes, o que proporcionou uma relação diferente do que era habitual nas aulas. Penso que estes momentos também são importantes para conhecermos melhor os nossos alunos e para que eles nos conhecessem melhor fora do contexto de aula. Pois fora das aulas eu sou uma pessoa “normal” que brinca é divertidas e se preocupa com a vida pessoal de cada aluno. Como os meus alunos já se encontravam no 9º ano e esta atividade decorreu no 3º período, a maturidade deles já era grande e já me conheciam bem ao ponto de distinguirem o professor das aulas do professor dos momentos informais. Quanto à prova de estafetas decorreu sem nenhum incidente a registar tendo sido fundamental a ajuda dos voluntários na cronometragem dos tempo e nas zonas de transmissão.

Nesta atividade apesar de haver um volume de tarefas elevado senti mais interação e envolvimento dos restantes professores do departamento, pois como existiam diversas provas em simultânea a ajuda de todos era fundamental. Em suma, esta atividade fez com que desenvolvesse as minhas competências já exploradas na organização do corta-mato interno mas numa perspetiva mais transcendente, visto ser um evento com multiactividades acopladas.

6.4. Dia “D” – Prova de BTT e Habilidades

A Prova de BTT e Percurso de Habilidades poderia ter como título “O Grande Evento dos Estudantes Estagiários”. O Dia D, Dia do Desporto, é uma atividade desportiva diferente todos os anos da responsabilidade dos Estudantes Estagiários do correspondente ano letivo. Esta atividade foi desenvolvida com

um carinho especial por nós, mas principalmente por mim pelo facto de ter sido eu a propô-la. Lembrei-me de organizar esta atividade porque quando era aluno na Escola Cooperante realizaram-na e tinha sido um momento marcante para mim. Desde essa atividade, que já tinha ocorrido há 12 anos, nunca mais se voltou a realizar e pensei que era um bom momento para retoma-la. Sugeri a atividade aos meus colegas e à Professora Cooperante tendo ambos adorado a ideia. Após isso foi trabalhar sobre aquilo que já tinha sido realizado na altura em que eu era aluno e melhorar os aspetos que tiveram menos bem. No ano em que realizei a atividade, cada aluno teve que trazer a sua bicicleta para a escola ou então pedir emprestada a outro aluno. De forma a não ser um requisito que limitasse a participação dos alunos, uns por não terem bicicleta ou outros pelo facto dos Encarregados de Educação não permitirem que trouxessem a bicicleta para a escola, equacionamos a possibilidade de alugar as mesmas para a realização da prova. Para esse efeito tivemos que pedir uma verba à direção da escola, que com ajuda do Professor Coordenador do Departamento de Expressões (que era de Educação Física) foi mais fácil de adquirir. Após ultrapassado este entrave contratamos uma empresa de aluguer de bicicletas/capacetes e começamos a planear todo o processo ao pormenor.

Começamos por pensar no formato das provas e como seria a melhor forma para se desenrolarem. A segurança dos alunos foi sempre a primeira prioridade, por isso optamos logo à partida por ter a presença dos Bombeiros e realizar as provas em contrarrelógio, esta forma de prova aumentaria o tempo total da atividade mas em contrapartida diminuiria os meios necessários e a competitividade dos alunos seria mais comedida. Em relação à Prova de BTT decidimos realiza-la no mesmo espaço que ocorreu o corta-mato, porém em sentido contrario e a terminar numa reta, estas alterações tiveram como objetivo reduzir as descidas acentuadas e/ou perigosas, diminuindo desta forma o risco de queda. Quanta à Prova de Habilidades privilegiamos a perícia em relação a rapidez, planeando desta forma um percurso no campo exterior da escola com *zig-zag's*, pequenos saltos sobre um *roiter* de ginástica antigo, lançamentos de uma bola de basquetebol no cesto/tabela e passarem sobre tábuas na caixa de areia do salto em comprimento. Nesta prova o objetivo consistia em terminar o

mais rápido possível, sendo que cada vez que colocassem o pé no chão, ou não tivessem sucesso numa das etapas tinham uma penalização de tempo (ex: cada vez que o aluno punha o pé no chão acrescentava ao tempo final mais 5 segundos). De forma a confirmar se todas as provas que propúnhamos eram exequíveis estruturamos o percurso na semana anterior e levamos uma bicicleta para a escola para testa todas as etapas. Nesta atividade o Núcleo de Estágio foi completamente autónomo, desde o planeamento ao dia da prova realizamos tudo sozinhos, não desprezando o apoio constante da Professora Cooperante e dos voluntários, senti uma responsabilidade enorme mas também percebi que apesar de ainda não sermos “professor por completo” já tinha competências para tal, pelo menos nos requisitos de organização de eventos. Nesta atividade senti-me o grande impulsionador de todo o projeto, estando responsável por todas as fases do mesmo: propor a prova, contactar empresas e Bombeiros, elaborar o cartaz (Anexo V), pensar nas provas e os seus formatos, angariar voluntários e organizar no dia para que tudo corresse da melhor forma. Foi sem dúvida a atividade que me deu mais prazer e satisfação em realizar, não só por ter sido da inteira responsabilidade dos Estudantes Estagiários mas por ter partilhado um pouco de mim e dos meus gostos com a comunidade escolar.

6.5. Suporte Básico de Vida

A interdisciplinaridade é algo que deve estar presente na escola. O Suporte Básico de Vida (SBV) pertenceu a este campo de ligação entre a disciplina de Ciências Naturais e Educação Física. Apesar de na minha turma residente não ter sido necessário esta ponte entre as duas disciplinas, visto terem aprendido tanto a parte teórica necessária como a vertente prática nas aulas de Ciências Naturais, nas turmas dos meus colegas estagiários foi fulcral esta conjugação de esforços. Neste sentido, ficou encarregue à disciplina de Ciências Naturais lecionar a vertente teórica e à disciplina de Educação Física complementar com a componente prática. Como tenho o curso de Nadador Salvador, onde as técnicas de Suporte Básico de Vida são uma parte integrante

do curso senti-me bastante confortável para ajudar os meus colegas nesta missão. A aula onde foi abordada esta temática dividiu-se em quatro estações: fases do SBV; compressões e insuflações; Posição Lateral de Segurança e técnicas de desobstrução das vias aéreas. Neste sentido fiquei encarregue de abordar as técnicas de compressão e insuflação e todos os cuidados que devem ter a nível de segurança. No cômputo geral esta experiência foi bastante enriquecedora para mim pelo facto de lecionar uma área distinta das tradicionais de Educação Física, não conhecer os alunos e mesmo assim sentir-me à vontade e por ser uma área que também gosto muito, Saúde e Salvamento.

6.6. Dança no Secundário

Sendo o módulo de dança obrigatório na disciplina de Educação Física nos cursos profissionais os professores encarregues pelas turmas pediram o auxílio da Professora Cooperante e da colega de estágio, uma vez que ambas tinham mais aptidões para lecionem esta componente. Tratando de um Núcleo, eu e o outro colega de estágio decidimos dar a nossa ajuda na leção destas aulas. Em concreto a minha ação nestas aulas teve um papel secundária, tendo a colega a função principal eu apenas tive a função de ser par na fase de demonstração e na fase de exercitação ajudar os alunos com mais dificuldades. Contudo, apesar do papel secundário que desempenhei gostei bastante da experiência, deu para sair da minha área de conforto, pois nunca tive aulas de danças de salão (Merengue e Chá Chá Chá), e aprender/ensinar uma área nova para mim.

6.7. Direção de Turma

A função de Diretor de Turma é uma função que os Estudantes Estagiários têm de vivenciar no seu Estágio Profissional, tal como é descrito nas Normas Orientadoras⁸:

“3) Compreender o papel de diretor de turma na sua relação com os pares, sob o ponto de vista administrativo e de gestão de relações humanas e enquanto responsável pela área não disciplinar.

Identificar, apreciar criticamente e intervir nas atividades inerentes à direção de turma e ao conselho de turma.”

De forma a todos os Estudantes Estágios poderem vivenciar esta experiência a Professora Cooperante dividiu um período por cada um, tendo em consideração o Desporto Escolar e a participação nas turmas partilhadas de forma a não sobrecarregar nenhum dos três EE em nenhum período. A minha participação ocorreu no 3º período do ano letivo, ficando responsável por verificar as faltas dos alunos, justifica-las e estar atenta a alguma informação que constasse no dossiê da turma. Nesta função a minha autonomia foi mínima, não só pela responsabilidade que é inerente ao cargo mas também pelo receio de errar em algo importante. Contudo foi uma experiência enriquecedora no percurso como professor de uma escola e parte integrante de todas as funções inerentes à mesma.

6.8. Turma Partilhada do 5º ano

Desde o ano letivo 2014/2015 surgiu a obrigatoriedade dos Estudantes Estagiários lecionarem dois ciclos de ensino diferenciados durante o Estágio Profissional, tal como referido nas Normas Orientadoras do Estágio Profissional

⁸ In Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2015-2016. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP⁹:

“Área 1) Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Tarefas.

Lecionar as aulas das turmas atribuídas (residente¹ e partilhada²) pelo professor cooperante e professores colaboradores.

¹Turma residente – turma em que o estudante estagiário assume o processo de ensino-aprendizagem ao longo de todo o ano letivo.

²Turma partilhada – turma em que o estudante-estagiário assume o processo de ensino-aprendizagem durante um determinado período que é definido pelo professor cooperante.”

A realização desta componente do Estágio Profissional requereu o auxílio de um Professor Colaborador da Escola Preparatória do Agrupamento, isto pelo facto da Professora Cooperante apenas lecionar turmas do terceiro ciclo e secundário e a mesma fazer questão que tivéssemos a experiência de lecionar também o segundo ciclo. Neste âmbito ficou a encargo dos Estudantes Estagiários lecionarem uma Unidade Didática cada um. As modalidades que iam ser lecionadas no 5º ano, segundo o planeamento da escola e o *roulement* eram: Futebol, Basquetebol e Andebol. Mediante as preferências dos Estudantes Estagiários e as restantes funções a desempenhar na Escola Cooperante (Desporto Escolar, Direção de Turma) surgiu atribuição das modalidades, tendo eu ficado encarregue de lecionar a Unidade Didática de Futebol.

A turma atribuída encontrava-se no segundo ciclo, concretamente no 5º ano de escolaridade. Os espaços disponíveis para as aulas eram o espaço exterior com as medidas máximas de um campo de futsal, tendo a possibilidade de três campos reduzidos na transversal, ou o espaço interior tendo apenas metade do pavilhão (metade do campo de futsal). Tendo em consideração o planeamento anual da turma apenas estavam previstas 7 aulas para a Unidade

⁹ In Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP, aprovadas no ano letivo 2014-2015; 2015-2016. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Matos, Z.

Didática de Futebol, 4 com a duração de 90 minutos e 3 com a duração de 45 minutos.

Sendo o primeiro ano que os alunos tinham a disciplina de Educação Física e as suas habilidades motoras serem bastante rudimentares a estruturação da Unidade Didática e das aulas tiveram de ser completamente distintas das realizadas na Turma Residente do 9º ano. Agravando o facto de ser uma Unidade Didática bastante curta, apenas com 7 sessões, e ser a primeira vez que a maioria dos alunos tinha contacto com a modalidade de Futebol. Concluindo, estavam reunidos todos os ingredientes para um bom desafio: alunos “desconhecidos”, pouco tempo e pouca habilidade motora.

Após a primeira aula com os alunos percebi que teria de reestruturar os objetivos da Unidade Didática, pois seriam impossíveis de alcançar na totalidade. Habilidades motoras técnicas como o remate e a interseção/desarme não faziam sentido porque os alunos ainda não dominavam o passe. Relativamente às habilidades motoras técnicas tinha como objetivo final o 3x2, mas devido à falta de continuidade nas ações de jogo não fazia sentido este objetivo. Em suma apercebi-me que nesta faixa etária os alunos necessitam de bastante contacto com a bola para melhorarem as habilidades motas bases e que o jogo não pode ter as características normais mas sim regras alteradas baseadas nos jogos pré-desportivos que promovam a continuidade e facilitem as ações durante o jogo. O mais gratificante foi perceber a paixão pela disciplina e a forma carinhosa como tratam os professores, pois chegavam sempre antes do toque para entrar e demonstravam o carinho que tinham por mim de uma forma bastante expressiva estando sempre a rodear-me a abraçarem-me.

6.9. Turma partilhada do 10º ano

Na turma partilhada do 10º ano profissional, correspondente ao ensino secundário fiquei encarregue de lecionar a Unidade Didática de Voleibol no 2º período durante 8 aulas de 90 minutos. Após a primeira aula da Unidade Didática senti a necessidade de lecionar por níveis, pois existia uma diferença bastante

significativa entre os géneros e dentro dos mesmos. Dando origem desta forma a uma reformulação/diferenciação dos objetivos previamente estabelecidos. Um dado a salientar ao longo da minha experiência com o 10º ano foi o clima sentido na turma, completamente distinto (apesar da proximidade de idades) do clima vivenciado na minha Turma Residente do 9º ano.

“Penso que esta oportunidade tenha sido uma mais-valia na minha formação como professor, pois apesar da diferença de idades em relação há minha turma residente ser pouco significativa, a maturidade e os objetivos pessoais de cada aluno eram completamente diferentes. Por se tratar de uma turma do ensino profissional haviam alguns alunos repetentes em que o único objetivo que tinham era acabar o secundário, não se importando se a nota final seria boa ou má.”

Reflexão final da Unidade Didática de Voleibol – 10º ano profissional

Outro aspeto marcante foi observar alunos completamente desinteressados pela disciplina, pela nota final da U.D. e pela prática desportiva. Tendo nestes casos tentado todas as formas possíveis para os motivar infelizmente sem sucesso, tendo sido objeto de reflexão:

“Nunca pensei que fosse possível um aluno passar uma aula de E.F. sem correr, mas as alunas “Elisabete” e “Noémia” mostraram-me que era possível. Com as alunas em questão utilizei todo o tipo de motivação e de feedback, mas nunca obtive sucesso. Estes casos fizeram consciencializar-me que nem todos os alunos gostam de E.F. ou tão pouco de desporto no seu geral.”

Reflexão final da Unidade Didática de Voleibol – 10º ano profissional

A experiência com a turma em questão foi bastante gratificante, não apenas ao que à Unidade de Voleibol concerne, mas fundamentalmente no que à vertente de conceitos psicossociais diz respeito, mais concretamente por se tratar de uma turma cuja atitude e predisposição para a prática não era a melhor.

7. Desempenho escolar entre alunos praticantes e não praticantes de atividades extracurriculares expressivas

Márcio Paiva¹, Cristina Macedo², Mariana Cunha^{1,3}

¹ Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

² Escola ES/3 de Carvalhos

³ CIFID, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

Resumo

O desempenho escolar é o cerne de toda a atividade docente, variando em conformidade com o contexto no qual o aluno se encontra inserido. O facto da prática desportiva estar intrinsecamente ligada com a melhoria do desempenho escolar, remete-nos para uma problemática que se prende na aferição de significância estatística na afirmação referida, no que a alunos do 3º ciclo de ensino diz respeito. Neste entendimento, o presente estudo teve como propósito a comparação de médias entre alunos que praticavam atividades extracurriculares expressivas (desporto, dança e/ou música) e alunos que não praticavam qualquer tipo de atividade extracurricular. Para o efeito, aplicou-se o “Questionário de Educação Física”, composto por 10 questões de índole aberto e fechado, a um conjunto de 74 alunos, de 4 turmas distintas do 9º ano de escolaridade. Para a aferição das médias de cada aluno foi requerido à secretaria da escola cooperante a pauta do 3º período de cada ano do 3º ciclo (7º, 8º e 9º ano). Após a recolha de todas as informações, os dados foram inseridos no *software* Excel 2013 do Microsoft Office para a aferição das médias dos alunos questionados. Para tal, calculou-se a média de cada aluno no 3º período de cada ano, compilando numa média final de 3º ciclo. Posteriormente os dados foram inseridos no *software* IBM SPSS Statistic 24 procurando aferir a existência de significâncias estatísticas (teste t de medidas independentes). A comparação entre médias (Não Praticantes de atividades extracurriculares expressivas Vs. Praticantes de atividades extracurriculares expressivas/Praticantes de Desporto/Praticantes de Dança /Praticantes de Música) revelou a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Porém, à exceção dos Praticantes de Música, observou-se que os alunos que praticavam atividades extracurriculares expressivas tinham melhores médias que os que não praticam, sendo o resultado mais considerável na comparação com os Praticantes de Desporto (Sig. - 0,083).

Palavras-Chave: DESEMPENHO ESCOLAR; ATIVIDADES EXTRACURRICULARES; ATIVIDADES EXPRESSIVAS; 3º CICLO DE ENSINO

Abstract

School performance is at the heart of all teaching activity, varying in accordance with the context in which the student is inserted. The fact that sports practice is intrinsically linked with the improvement of school performance, leads us to a problem that is related to the measurement of statistical significance in the statement referred, regarding students of the 3rd cycle of education. In this understanding, the purpose of the present study was to compare means among students who practiced expressive extracurricular activities (sports, dance and / or music) and students who did not practice any kind of extracurricular activity. For this purpose, the "Physical Education Questionnaire", composed of 10 open and closed questions, was applied to a set of 74 students, from 4 different classes of the 9th year of schooling. For the assessment of the averages of each student, the cooperating school secretariat was asked to provide the ratings of the 3rd period of each year of the 3rd cycle (7th, 8th and 9th year). After collecting all the information, the data was entered in Excel 2013 software of Microsoft Office to measure the means of the students questioned. The average of each student, in the 3rd period of each year, was calculated, compiling in a final average of 3º cycle. Subsequently the data were inserted in the IBM SPSS Statistic 24 software, seeking to verify the existence of statistical significance (t test of independent measurements). The comparison between means (Non Practicing Expressive Extracurricular Activities vs. Practitioners of Expressive Extracurricular Activities / Sports Practitioners / Dance Practitioners / Music Practitioners) revealed the inexistence of statistically significant differences between the groups. However, with the exception of the Practitioners of Music, it was observed that students who practiced expressive extracurricular activities had better means than those who did not practice, being the most significant result in comparison with Sports Practitioners (Sig - 0.083).

Keywords: SCHOOL PERFORMANCE; EXTRACURRICULAR ACTIVITIES; EXPRESSIVE ACTIVITIES; 3rd CYCLE OF TEACHING

Introdução

Ao longo do meu percurso académico fui inúmeras vezes confrontado sobre os benefícios do desporto e da atividade física na sua generalidade. Estudos e opiniões de autores conceituados tais como Lipscomb (2007) Soares et al. (2013), Lobo et al. (2015) e Bastos et al. (2015), relatam que a prática de atividade física melhoram a saúde física e mental, a concentração, o alívio do *stress* e o desempenho escolar dos alunos. Tendo este conceito previamente concebido deduzi que fosse o panorama geral nas escolas e o que seria encontrado na minha Turma Residente. Porém após conhecer a turma que me foi atribuída, realizar a análise dos alunos nos anos anteriores e constatar as notas finais do 1º Período verifiquei que o conceito acerca desta problemática não se enquadrava na minha Turma Residente. Contudo, ao longo do ano letivo em conversas informais com os alunos, constatei que nem todos praticavam desporto, porém existia uma grande percentagem que frequentava outras atividades como a música ou a dança. Sendo as disciplinas de Educação Física, Educação Musical, Educação Visual e Educação Tecnológica parte integrante do Departamento de Expressões da Escola considerei pertinente realizar um estudo que envolve-se as três áreas e relacionar com o desempenho escolar dos alunos do 3º ciclo de ensino. Desta forma não quis diferencial ou destacar o Desporto/Educação Física, mas sim todas as atividades extracurriculares expressivas relacionadas a forma dos alunos se expressarem. Após realizar uma análise da literatura existente não verifiquei nenhum estudo ou publicação que congregasse as atividades extracurriculares expressivas, tendo apenas verificado estudos concretos sobre cada tipo de atividade extracurricular.

Atendendo à literatura existente e à minha curiosidade relativamente à influência das atividades extracurriculares expressivas, sendo que muitos alunos praticavam atividades extracurriculares mas que não se enquadram com atividades expressivas (p.e. ATI - Atividades de Tempos Livres, Centros de Explicações, Voluntariado, entre outros) considerei pertinente a elaboração de um estudo com os seguintes objetivos:

Objetivo principal

Verificar se a prática de atividades extracurriculares expressiva (Desporto, Dança e Música) influenciam o desempenho escolar dos alunos do 3º Ciclo.

Objetivos secundários

Averiguar se o tipo de atividade extracurricular expressiva que os alunos praticam influenciam o desempenho escolar no 3º Ciclo comparativamente aos alunos que não praticam qualquer tipo de atividade extracurricular expressiva.

Metodologia

Participantes

O estudo desenvolvido teve a participação de 88 alunos de quatro turmas do 9º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 14 e 15 anos de idade. Tendo o estudo o objetivo de analisar as médias dos alunos durante o percurso no 3º ciclo, isso é, analisar a média de cada aluno no 3º período do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade e compilar numa média final, foi apenas possível recolher os dados de 74 inquiridos (n=74), 42 do sexo masculino (57%) e 32 do sexo feminino (43%). Este acontecimento sucedeu-se por não ter sido possível recolher os dados dos alunos que foram transferidos de escola a meio do 3º Ciclo ou que reprovaram em anos anteriores. Os dados foram agrupados em 5 grupos, o grupo dos praticantes de desporto, o grupo dos praticantes de música, o grupo de praticantes de dança, o grupo de praticantes de atividades extracurriculares expressivas (que envolviam os três grupos anteriores) e o grupo dos não praticantes de atividades extracurriculares expressivas. Apesar de existir mais uma variável prevista, o grupo dos praticantes de pintura, nenhum aluno da amostra frequentava esta atividade.

Instrumentos

Para a captação da amostra foram selecionadas as turmas do 9º ano pelos seguintes motivos: facilidades no acesso às turmas, sendo as turmas do núcleo de estágio a captação de dados seria mais acessível; constar-se de um grupo de alunos com histórico na escola, a amostra frequentou a escola nos dois últimos anos e para tornar o estudo mais fidedigno, sendo a média baseada em três anos (7º, 8º e 9º ano) e não apenas num.

Para a angariação de dados foram utilizados dois métodos. O primeiro método tratou-se da elaboração e consequente distribuição de um questionário. O “Questionário de Educação Física” (Anexo I) utilizado no estudo foi elaborado por 2 Estudantes Estagiários da Escola Cooperante, tendo como objetivo dar resposta a dois estudos diferentes, um relacionado com o desporto de alto rendimento e o desempenho escolar e o outro direcionado para a prática de atividades extracurriculares expressivas e o desempenho escolar. Não existindo nenhum estudo validado que fosse passível de ser utilizado nos dois estudos em análise urgiu a necessidade de criar um para o efeito. Tratando-se de um questionário assinado com 10 questões fechadas e abertas. Um aspeto do questionário a salientar prendia-se com a 1ª questão, “Praticas alguma atividade extracurricular?”, caso o inquirido responde-se “Não” o questionário terminaria naquele momento. O segundo método utilizado para a angariação de dados foram as pautas do 3º período do 7º, 8º e 9º ano, tendo sido recolhida esta informação na secretaria da Escola Cooperantes. Para análise das médias foram consideradas 10 disciplinas do currículo do 3º ciclo transversais aos três anos, sendo as mesmas: Português, Inglês, Francês, História, Geografia, Matemática, Ciências da Natureza, Física e Química, Educação Visual e Educação Física. As disciplinas de Educação Tecnológica, Tecnologias da Informação e da Comunicação e Educação Moral e Religiosa não foram consideradas na média dos alunos por não se tratarem de disciplinas transversais aos 3 anos ou de caráter obrigatório.

A implementação do questionário tinha como objetivo recolher informações sobre a prática de atividades extracurriculares, qual ou quais o tipo

que praticavam e onde, de forma a aferir a validade das respostas. Para a análise do desempenho escolar foi realizada a média de cada aluno no 3º período de cada ano letivo e compilada numa média final de 3º Ciclo.

Procedimentos de análise

De forma a compilar todos os resultados num único documento foi elaborado previamente um documento *Excel do Microsoft Office 2013*, com os dados recolhidos. Com o intuito de facilitar a transferências dos dados para o programa *IBM SPSS Statistics 24* as respostas foram traduzidas para linguagem numérica.

Figura 4 - Compilação de dados

Após a análise descritiva das médias de cada grupo de participantes chegou-se à seguinte constatação.

Quadro 3 - Estatística descritiva de cada grupo

	N	$\bar{x} \pm dp$
Praticantes Deporto	34	3.73 ± 0.66
Praticantes Música	8	3.44 ± 0.63
Praticantes Dança	5	3.48 ± 0.74
Praticantes de AEE	44	3.65 ± 0.65
Não Praticantes de AEE	30	3.45 ± 0.59

Legenda: N – número de participantes; $\bar{x}$ - média; dp - desvio padrão

Resultados

Sendo o objetivo geral do estudo verificar se a prática de atividades extracurriculares expressiva (AEE) influenciavam o desempenho escolar dos alunos do 3º Ciclo procedeu-se ao Teste-t de médias independentes, no programa estatístico *IBM SPSS Statistics 24*.

Quadro 4- Teste-t de médias independentes

teste-t para Igualdade de Médias			
	$\bar{x} \pm dp$	t	Sig.
Praticantes de AEE	3.65 ± 0.65	1.339	0,185
Não praticantes de AEE	3.45 ± 0.59		

Após realizar o teste-t de médias independentes verificou-se que apesar da média dos alunos praticantes de atividades extracurriculares expressivas (3.65 ± 0.65) ser superior à médias dos não praticantes de atividades extracurriculares expressivas (3.45 ± 0.59) não havia uma diferença

estatisticamente significativa com o intervalo de confiança de 95%. Isto é, sendo o valor de *Sig.* (0.185) superior ao intervalo de confiança (≤ 0.05) podemos concluir que não há diferenças significativas entre praticantes de atividades extracurriculares expressivas e não praticantes de atividades extracurriculares expressivas.

Após constatar o objetivo geral do estudo averiguou-se os objetivos secundários, relacionando se o tipo de atividade extracurricular expressiva que os alunos praticavam influenciava o desempenho escolar no 3º ciclo de ensino. Para tal procedeu-se à mesma análise estatística (teste-t de médias independentes) porém com variáveis diferentes.

Quadro 5 - Teste-t: praticantes de desporto/dança/música vs. não praticantes de AEE

teste-t para Igualdade de Médias			
	$\bar{x} \pm dp$	t	Sig.
Praticantes de Desporto	3.73 $\pm$ 0.66	1.762	0,083
Não praticantes de AEE	3.45 $\pm$ 0.59		

Quadro 6 - Teste-t: praticantes de dança vs. não praticantes de AEE

teste-t para Igualdade de Médias			
	$\bar{x} \pm dp$	t	Sig.
Praticantes de Dança	3.48 $\pm$ 0.74	0.087	0.931
Não praticantes de AEE	3.45 $\pm$ 0.59		

Quadro 7 - Teste-t: praticantes de música vs. não praticantes de AEE

teste-t para Igualdade de Médias			
	$\bar{x} \pm dp$	t	Sig.
Praticantes de Música	3.44 ± 0.63	-0.071	0.944
Não praticantes de AEE	3.45 ± 0.59		

Após a análise estatística dos valores constatados verificou-se que os alunos que praticam desporto (3.73 ± 0.66) e dança (3.48 ± 0.74) tinham uma média de 3º ciclo superior aos alunos que não praticavam qualquer tipo de atividade extracurricular expressiva (3.45 ± 0.59). O mesmo não se constatou com os alunos que praticavam música (3.44 ± 0.63), apesar do valor entre médias ser o mais próximo (-0.01) de todas as análises efetuadas não se revelou o padrão observado até então.

Apesar de o valor de significância constatado nos alunos que praticam desporto (0,083) possuir grande discrepância entre os valores observados nos alunos que praticam dança e música (0.931 e 0.944, respetivamente), existe ausência de significância estatística. Porém, e apesar da inexistência da significância referida, o primeiro valor referido adquire contornos mais relevantes pela sua maior aproximação ao intervalo de confiança (95% - 0,05).

Discussão

O estudo em questão tinha como objetivo geral analisar se a prática de atividades extracurriculares expressivas, isto é, atividades onde os alunos fomentam o seu espírito criativo através do corpo ou da mente, dinâmico e pessoal, influenciava o desempenho escolar dos alunos no decorrer do 3º ciclo. Na presença dos resultados obtidos, observou-se que apesar da média dos alunos que praticam atividades extracurriculares expressivas ser superior (3.65 ± 0.65) aos que não praticam (3.45 ± 0.59) o valor da diferença não é significativo (Sig. - 0.185).

No que concerne aos objetivos secundários do estudo, verificou-se que os alunos praticantes de desporto e de dança tinham um melhor desempenho escolar do que os alunos que não praticavam atividades extracurriculares expressivas. Porém, como constatado no objetivo geral, os valores não eram estatisticamente significativos. Uma exceção aos resultados anteriormente verificados ocorreu com os praticantes de música, que obtiveram uma média de desempenho escolar inferior aos não praticantes de atividades extracurriculares expressivas (-0.01), não sendo também estatisticamente significativa.

Quanto às limitações do estudo, prenderam-se com os seguintes fatores: amostra reduzida; não englobar os alunos repetentes ou que transitaram de escola a meio do 3º ciclo e não ter sido possível avaliar a questão temporal, isto é, não existirem dados antes e depois do início da prática de atividades extracurriculares expressivas.

Relativamente a estudos futuros nesta área de intervenção, sugere-se que amostra de alunos seja bastante maior, a análise do desempenho escolar seja realizada do 1º ao 12º ano e que seja efetuada uma diferenciação por sexo.

Bibliografia

- Bastos, F., Machado Reis, V., Aranha, Á. C., & Domingos Garrido, N. (2015). Relação entre atividade física e desportiva, níveis de IMC, perceções de sucesso e rendimento escolar. *11*(3), 41.
- Lipscomb, S. (2007). Secondary school extracurricular involvement and academic achievement: a fixed effects approach. *26*(4), 463.
- Lobo, R., Batista, M., & Delgado, S. C. (2015). PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA COMO FATOR POTENCIADOR DE VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS E RENDIMENTO ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO. (Portuguese). *10*(1), 85.
- Soares, J. P., Aranha, A. M., & Antunes, H. L. (2013). Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. / Relationship between sports sector, sports modality and the academic success. *9*(3), 3.

Anexo
Anexo 1- Questionário do estudo

Este questionário surge no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Todas as informações

Questionário de Educação Física

Nome: _____

Ano/Turma: ____º ____

Praticas alguma atividade extracurricular? ☐ Sim ☐ Não

Caso tenhas respondido “Não”, obrigado pela participação.

Se respondeste “Sim”, qual das seguintes opções:

☐ Desporto, Modalidade(s).(1)_____ ; (2)_____ ;
(3)_____

☐ Música.

☐ Dança.

☐ Pintura.

☐ Outra. Qual? _____

Onde? _____

_____ (ex: Futebol Clube de Pedroso; Escola de Música de Perosinho)

Quando é que começaste a praticar? Ano ____ mês ____

Se escolheste a opção “Desporto”,

Qual o escalão e a divisão? _____ (ex: Júnior, 1ª Divisão Distrital)

Modalidade - 1

Quantas horas por semana? ____h ____min (ex: 3 treinos de 1h + 1h30min de jogo = 4h30min)

Modalidade - 2 (caso exista)

Quantas horas por semana? ____h ____min

Modalidade - 3 (caso exista)

Quantas horas por semana? ____h ____min

Obrigado pela participação.

8. Maximização das potencialidades

8.1. Ferramentas transversais

No decorrer do Segundo Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário todas as disciplinas foram essências na minha formação como Professor de Educação Física. Não obstante às unidades curriculares lecionadas no primeiro ano, que forneceram as bases teóricas e práticas para o ano de Estágio Profissional, as disciplinas de Tópicos (I e II) que decorreram a par do Estágio, foram também bastante enriquecedoras na minha formação integral. Apesar de nem todas as disciplinas estarem relacionadas com o Ensino, na sua vertente escolar, estavam planeadas no sentido de abrir horizontes e proporcionar novos conhecimentos. Penso que a sua pertinência tenha sido adequada, pois como sabemos, a esperança de terminar o Mestrado em Ensino e ingressar numa escola, é impensável na atualidade devido a lista infindável de candidatos. Desta forma, ter contacto com outras perspetivas de futuro e outras vertentes de trabalho tenha sido uma aposta bem elaborada pela faculdade. Temáticas como Treino Funcional, Exercício e Saúde, Novas Tecnologias no Desporto, Desporto com doentes oncológicos, entre outras temáticas que foram abordadas ao longo das duas unidades curriculares foram uma mais-valia para o meu futuro, percecionando desta forma oportunidades de trabalho em ramos que desconhecia.

Durante as unidades curriculares de Tópicos (I e II), foram também lecionadas temáticas relacionadas com o Ensino da Educação Física. Temas como Estética, Desporto Adaptado e Construção de Material fizeram com que despertássemos para outros sentidos que habitualmente não temos contacto. Uma das temáticas que mais me marcou foi a Construção de Materiais didático desportivos. Por vezes queixamo-nos do pouco material que há disponível nas escolas para lecionar as modalidades correntes e que as verbas para adquirir material novo são irrisórias, contudo com um pouco de imaginação e pouco material é possível contruir todos os tipos de equipamentos desportivos. Quando a performance do equipamento não é o objetivo, mas sim o efeito lúdico e prático

que advém esta é uma boa forma de proporcionar aos nossos alunos modalidades alternativas.

8.2. Refletir para melhorar

O tema “Reflexão” foi algo sempre presente ao longo da PES, não só pelos apelos da Professora Cooperante e da Professora Orientadora, mas também por sentir cada vez mais a necessidade deste momento no decorrer do ano letivo. Apesar de ter consciências que existem vários tipos e focos de reflexão Alarcão (1994) citado por Amaral et al. (1996, p. 98) sintetizam de uma forma bastante simples. “O objeto de reflexão é tudo o que se relaciona com a atuação do professor durante o ato educativo: conteúdos, contexto, métodos, finalidades do ensino, conhecimento e capacidades que os alunos estão a desenvolver, fatores que inibem a aprendizagem, o envolvimento no processo da avaliação, a razão de ser professor e os papéis que se assumem”.

Ao longo do ano letivo as minhas reflexões focaram-se em três aspetos fundamentais: **Atividades**, **Alunos** e **Professor**. Desta forma conseguia esquematizar melhor o raciocínio e refletir sobre todos os aspetos fundamentais que ocorreram durante a aula ou atividade. Onde tive mais dificuldade em melhorar, isto é, ter consciência do erro era no aspeto relacionado comigo. Por vezes quando somos nós a vivenciar as situações temos uma perceção completamente diferente da realidade ou da forma como estamos agir aos olhos dos outros. Tendo em conta esta dificuldade em particular decidi recorrer a outros métodos para refletir sobre as minhas ações, com o intuito de melhorar a minha prestação nas aulas seguintes. Para tal, decidi começar a filmar as minhas aulas juntamente com um microfone portátil, de modo a ter perceção das minhas ações físicas e verbais. Este foi o único método em que obtive sucesso, após analisar as filmagens consegui ter perceção dos meus erros relacionados com o posicionamento, por vezes virava as costas a um grupo de alunos durante muito tempo e os meus vícios/bengalas do discurso. Desta forma consegui através da reflexão após a ação melhorar o meu desempenho nas aulas a todos os níveis.

Em suma, apesar de não dar muita relevância à reflexão no início do ano letivo verifiquei com o passar do tempo e com provas físicas que tinha muitos aspectos a serem melhorados, a nível pessoal, como professor, nas atividades propostas e no rendimento dos alunos.

9. O fim de um início

Assim chega ao fim a etapa final do início de uma profissão que há muito almejo. Ao escrever este relatório realizei uma viagem temporal a todas as fases da minha vida, fiz de certa forma um retrospectiva de mim e dos meus objetivos. Ao longo do ano de estágio e dos 5 anos de formação académica muitas foram as experiências que constatei, vive e senti de tal impacto que nunca mais esquecerei. Foram sem dúvida alguma os melhores anos da minha vida, pelas experiências, amizades e valores que fui adquirindo ao longo do tempo.

Quanto ao Estágio Profissional, tive a oportunidade de partilhar com um grupo incrível, os colegas de estágio que ficaram amigos para a vida toda, a Professora Cristina que sempre me guiou e fez-me perceber concessões de ensino de alguém com muita experiência e a Professora Mariana que me estimulou a ser melhor a cada Unidade Didática, a cada aula, a cada momento. O facto de ter realizado o Estágio Profissional na escola onde outrora fui aluno, fez-me perceber que cresci, que as responsabilidades aumentaram e que deixei de ser o menino para ser o “Senhor Professor”.

Não posso dizer que foi um ano fácil, pois estagiar numa escola onde tinha responsabilidades bem definidas e trabalhar todos os dias, sim todos os dias, 7 dias por semana, requereu uma organização complexa. Porém após este ano percebi que sou capaz de tudo, basta querer com muita vontade, ter dedicação que tudo se consegue. Neste ano aprendi coisas que não se aprendem nos livros, nem nas aulas, aprendi no contexto real com pessoas e circunstâncias reais que nos fazem aprender mais rápido querer saber mais para nunca nos desapontarmos nem desiludirmos quem nos rodeia, principalmente os nossos alunos que depositam em nós, professores, a responsabilidade de os prepararmos para o futuro.

Neste momento coabito num turbilhão de sentimentos. Felicidade e satisfação por ter conseguido tudo que consegui até à data, por nunca ter desistido mesmo quando as adversidades da vida me empurraram para caminhos mais tortuosos. Tristeza, saudade ou nostalgia por concluir o meu percurso académico, mesmo que venha a tirar outro curso o sentimento não será

o mesmo. À maravilhosa FADEUP agradeço todos os instrumentos que me deu para ser alguém melhor, alguém mais instruído.

Quanto ao futuro não sei o que me espera mais tenho a certeza que adquiri as ferramentas essenciais para ser um bom profissional, no ensino, no treino, no quer que seja relacionado com o Desporto. Tal como referi na abertura deste documento este sempre foi o objetivo que quis alcançar, sempre foi o meu sonho, ser Professor de Educação Física!

“Ai FCDEF¹⁰, que falta me faz
e vivo pensando se seria capaz,
capaz, de estar longe
e de te não ver, por ti capaz de morrer
ai eu não pude escolher o amor que me faz viver.”

(Hino da FCDEF – Tuna Musicatta Contractile¹¹)

¹⁰ FCDEF, Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto. Atualmente nominada de FADEUP, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

¹¹ Tuna Masculina da FADEUP

10. Bibliografia

- Alarcão, I. (1994). *Ser professor reflexivo* Relatório de Estágio apresentado a 9º congresso da APPI.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2013). *Supervisão da prática pedagógica, Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2ª ed.). Coimbra, Portugal: Edições Almedina SA.
- Amaral, M. J., Moreira, M. A., & Ribeiro, D. (1996). O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo. In I. Alarcão (Ed.), *Formação reflexiva de professores, Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Madrid: McGraw-Hill.
- Bastos, F., Machado Reis, V., Aranha, Á. C., & Domingos Garrido, N. (2015). Relação entre atividade física e desportiva, níveis de IMC, perceções de sucesso e rendimento escolar. *11*(3), 41.
- Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In E. FADEUP (Ed.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. Porto.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (3.ª edição ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor: bases de uma sistematização teórica*. Braga.
- Graça, A. (2014). Sobre as questões do quê ensinar e aprender em educação física. In E. FADEUP (Ed.), *Professor de educação física: fundar e dignificar a profissão*. Porto.
- Graça, A. (2015). O discurso pedagógico da educação física. In E. FADEUP (Ed.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física*. Porto.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2015). Modelos e conceções de ensino dos jogos desportivos In *Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar* (pp. 9-54): Editora FADEUP.
- Lawson, H. A. (1984). *Invitation to physical education*: Champaign, IL : Human Kinetics. 1984.

- Lipscomb, S. (2007). Secondary school extracurricular involvement and academic achievement: a fixed effects approach. 26(4), 463.
- Lobo, R., Batista, M., & Delgado, S. C. (2015). PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA COMO FATOR POTENCIADOR DE VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS E RENDIMENTO ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO. (Portuguese). 10(1), 85.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do desporto. In F. d. M. Humana (Ed.), *Pedagogia do desporto*.
- Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior. (2006). Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março. *Diário da República*, 1º Série - A, n.º60, 2242-2257.
- Ministério da Educação. (2006). Decreto-Lei n.º 27/2006 de 10 de Fevereiro. *Diário da República*, 1ª Série - A, n.º 30, 1098.
- Ministério da Educação. (2007). Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 38, 1320-1328.
- Moran, J., Masetto, M., & Behrens, M. (2007). *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (13ª ed.). São Paulo: Papirus.
- Nóvoa, A. (1992). Para uma análise das instituições escolares. In L. Publicações Dom Quixote (Ed.), *As organizações escolares em análise* (pp. 13-42). Lisboa.
- Oliveira, M. (1996). *A prática reflexiva dos professores e o seu processo de mudança: um estudo no contexto da formação contínua*. Aveiro: Dissertação de Doutoramento apresentada a Universidade de Aveiro.
- Porto Editora. (2004). *Dicionário da língua portuguesa*.
- Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: o lugar do estágio profissional. In P. Queirós, A. Graça & P. Batista (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física* (pp. 67-86). Porto: Editora da U. Porto Faculdade de Desporto.
- Ranking das escolas 2015. (2015). *Público* Consult. 15 jun 2017, disponível em <https://www.publico.pt/ranking-das-escolas-2015/listas>
- Rink, J. (1985). *Teachink physical education for learning*. St.Louis.

- Rolim, R., Batista, P., & Queirós, P. (2014). *Formação inicial de professores : reflexão e investigação da prática profissional*: Porto : Editora FADEUP. 2014.
- 2ª ed.
- Rosenshine, B. (1979). *Content, time and direct instruction*.
- Sidentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education*. Mountain View.
- Simões, M. A. F. (2008). *Início da Carreira Docente: Desafios e Dificuldades*. Lisboa: Mara Adriana Fazenda Simões. Dissertação de apresentada a
- Soares, J. P., Aranha, A. M., & Antunes, H. L. (2013). Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. / Relationship between sports sector, sports modality and the academic success. 9(3), 3.
- Sobral, F. (1988). *Introdução á educação física* (5.ª Edição ed.). Lisboa: Livros Horironte LDA.
- Vickers, J. N. (1990). *Intruactional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach*. Champaign, IL.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão : uma prática reflexiva de formação de professores*: Porto : Edições Asa. 1993.

Anexos

Anexo 2 - Caracterização do Aluno



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CARVALHOS
Escola Solidária



Caracterização do Aluno

Nome: _____ Data de nascimento: __/__/____

e-mail: _____

Nome do Encarregado de Educação (E.E.): _____

Telemóvel (E.E.): _____ e-mail (E.E.): _____

Saúde

Tens alguma doença crónica? Sim [__] / Não [__] Qual? _____

És acompanhado habitualmente por algum médico ou psicólogo? Sim [__] / Não [__]

De que especialidade? _____

Já sofreste alguma lesão? Sim [__] / Não [__] Qual? _____

Tomas algum medicamento diariamente? Sim [__] / Não [__]

Vês bem? Sim [__] / Não [__] Usas óculos? Sim [__] / Não [__]

Ouves bem? ? Sim [__] / Não [__]

Desportivos

Praticas algum desporto extracurricular? Sim [__] / Não [__]

Qual? _____ Onde? _____ Quantas vezes por semana? _____

Já praticaste outro desporto? _____

Dos seguintes desportos qual gostas mais ou gostarias de praticar?

Corfebol [__]

Dança [__]

Hóquei em campo [__]

Orientação [__]

Badminton [__]

Ténis de mesa [__]

Judo [__]

Natação [__]

Anexo 3 - Estrutura do plano de aula



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CARVALHOS
Escola Solidária



Plano de Aula			
Professor: Márcio Paiva	Data: __/__/201__	Hora: __h__min	Duração: __ minutos
Prof. Coop.: Cristina Macedo	Ano/Turma: 9º_	Nº de alunos: 28	Aula nº:
Espaço:	Unidade Didática:		Sessão nº:
Material:			
Função Didática:			
Objetivo da aula:			
Habilidades motoras:			
Cultura Desportiva:			
Condição física:			
Conceitos psicossociais:			

Parte da Aula		Objetivos Comportamentais	Situação de Aprendizagem	Determinantes Técnicas
Parte inicial				
Parte fundamental				
Parte Final				

Sumário:.

Grupos de trabalho:



TORNEIOS DE VOLEIBOL

MASCULINO E FEMININO

7º/8º ano 2x2
máximo 4 atletas inscritos

9º ano e Sec. 4x4
máximo 8 atletas inscritos

Horário

Quartas-feiras
das 14h25 às 16h30

Nota:

As equipas não podem ser formadas por alunos de turmas diferentes.

Os 7º/8º anos podem apresentar 2 equipas/turma.

Os alunos não podem faltar às aulas para participar nos torneios.

INSCRIÇÕES ATÉ DIA 07/10/15

COM O TEU PROF. DE E.F.

região:



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CARVALHO
ESCOLA SOLARIA





**PROVA
DE BTT E
HABILIDADES
18.03.2016**

**Inscrições até dia 04/03 com teu Professor de E.F.
Limitadas a 40 participantes por prova.**